UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

LETICIA DA SILVA REIS SANTOS

Uma breve história do jornal *O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria* (1874-1883)

Campinas
2024

LETICIA DA SILVA REIS SANTOS

Uma breve história do jornal *O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria* (1874-1883)

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lúcia Granja

Campinas
2024

LETICIA DA SILVA REIS SANTOS

Uma breve história do jornal *O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria* (1874-1883)

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Data de aprovação: __/__/__

Banca examinadora:

_____

Prof.ª Dr.ª Lúcia Granja
Universidade Estadual de Campinas

_____

Me. Guilherme de Souza Lopes
Universidade Estadual de Campinas

_____

Dr. Odair Dutra Santana Júnior
Universidade Estadual Paulista

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lucia Siqueira Silva - CRB 8/7956

Sa59b

Santos, Leticia da Silva Reis, 2001-
Uma breve história do jornal O Globo: orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (1874-1883) / Leticia da Silva Reis Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador(es): Lúcia Granja.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

1. O Globo (Jornal). 2. Imprensa. 3. Bocaiuva, Quintino, 1836-1912. I. Granja, Lúcia, 1968-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: A brief history of the newspaper O Globo: orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (1874-1883)
Palavras-chave em inglês:
O Globo (Newspaper)
Press
Bocaiuva, Quintino, 1836-1912
Titulação: Bacharel
Banca examinadora:
Lúcia Granja [Orientador]
Guilherme de Souza Lopes
Odair Dutra Santana Júnior
Data de entrega do trabalho definitivo: 03-12-2024

RESUMO

Este trabalho apresenta uma breve história do jornal *O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria* (1874–1883), publicado no Rio de Janeiro durante o final do século XIX. Fundado por Manoel Gomes de Oliveira, identificado como banqueiro, o jornal surgiu vinculado à primeira agência de notícias do Brasil. A figura de seu fundador foi o ponto de partida para a pesquisa, que explora a história do periódico e sua relação com o desenvolvimento da telegrafia e da comunicação no país. Para isso, analisam-se as páginas do próprio periódico e bibliografias que o abordam. Destaca-se que a propriedade do periódico é tratada de forma ambígua ou incorreta por algumas delas, além disso as várias mudanças ocorridas na sua organização legal tornam intrincada essa questão. Este trabalho traz uma novidade sobre a propriedade do jornal a partir de fontes primárias, colocando Quintino Bocaiúva como um dos seus proprietários. E, para contribuir com futuras pesquisas, foi realizada uma organização sobre os folhetins publicados em *O Globo*. Para realização deste trabalho, o periódico foi integralmente consultado na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: *O Globo*; história da imprensa; Quintino Bocaiúva; folhetim; propriedade.

ABSTRACT

This paper presents a brief history of the newspaper *O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria* (1874–1883), published in Rio de Janeiro at the end of the 19th century. Founded by Manoel Gomes de Oliveira, identified as a banker, the newspaper was linked to Brazil's first news agency. The figure of its founder was the starting point for the research, which explores the history of the newspaper and its relationship with the development of telegraphy and communication in the country. To do this, we analyzed the pages of the newspaper itself and bibliographies on it. It is noteworthy that the ownership of the periodical is treated ambiguously or incorrectly by some of them, and the various changes that have occurred in its legal organization make this issue intricate. This work brings something new to the ownership of the newspaper from primary sources, placing Quintino Bocaiúva as one of its owners. And, to contribute to future research, an organization of the folhetins published in *O Globo* was carried out. To carry out this work, the newspaper was consulted in its entirety in the Hemeroteca Digital Brasileira, of the Fundação Biblioteca Nacional.

Keywords: *O Globo*; press history; Quintino Bocaiúva; feuilleton; property.

AGRADECIMENTOS

Embora a literatura nem sempre seja devidamente valorizada — e menos ainda os estudos que se dedicam a ela —, ter um olhar que a reconhece é um privilégio. Que prazer há em ler um livro. Que prazer é mergulhar em sua profundidade nos estudos. Ao longo deste trabalho pude perceber mais de perto o impacto da literatura e de suas conexões com o jornalismo e com a história. Descobri que essa arte, que muitas vezes parece autossuficiente, está, na verdade, profundamente entrelaçada com o cotidiano. É nele que ela se manifesta. Como escreveu Fernando Pessoa: "A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta." Precisamos ler, escrever e estudá-la — porque, afinal, precisamos da literatura.

Sou grata pela oportunidade de poder escolher estudar literatura durante cinco anos. Os agradecimentos são sobre a entrega desta monografia e sobre os anos da minha graduação. Essa, que foi melhor do que sempre sonhei e planejei.

Primeiro gostaria de agradecer ao meu Deus criador, que tudo fez e contemplou como era boa sua obra. Se ele vê valor no belo, quem sou eu para não reconhecer o mesmo? É graças a Ele que tenho vida em abundância e para quem dedico este trabalho: "Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória pelos séculos!"

Agradeço aos meus pais, Cláudia e Adilson, que sempre foram meus maiores incentivadores e investiram com tanto amor e dedicação na minha educação. Tenho a sensação de que minha monografia, justamente sobre um jornal, não foi obra do acaso, afinal, vocês trabalham há anos no jornal da nossa cidade e eu cresci ouvindo as histórias do que acontecia por lá. Ao meu irmão, Adrianno, agradeço por ter aberto caminhos para mim, sempre sendo um exemplo. Às minhas avós, Maria José e Marlene, as histórias de vida de vocês e o que se tornaram são para mim fonte de inspiração. E à minha tia Andreia, que esteve presente desde a minha infância, meu carinho e reconhecimento por todo cuidado.

Agradeço aos meus amigos, os que deixei em Santos por um pequeno período, e os que tive o prazer de conhecer em Campinas. À Sophia, minha colega de casa e amiga, agradeço pela companhia em nosso pequeno apê, foi um prazer crescer com você. À Larissa T. e Rosângela, agradeço a acolhida sempre tão amorosa em sua casa. À Larissa S. e Júlia, agradeço pelo cuidado e pela gentileza. À Fernanda e ao João, agradeço por terem sido grandes incentivadores e companheiros na graduação, obrigada por compartilharem comigo a paixão pela literatura.

Por fim, gostaria de agradecer à minha orientadora, Lúcia Granja. Embarcamos na Unicamp no mesmo ano, em 2020, e desde a primeira matéria em que tive a oportunidade de ser sua aluna imaginei que adoraria ser sua orientanda. Agora, em 2024, posso agradecer a orientação nesta monografia. Obrigada por ser uma professora e pesquisadora tão inteligente e humilde, pelas várias reuniões, pela paciência e pelas palavras de encorajamento, elas foram fundamentais. Outra professora igualmente especial na minha graduação foi a Márcia Abreu, a quem gostaria de agradecer a orientação nos estudos sobre editoração, sou grata por tudo o que aprendi com você. Obrigada por serem brilhantes.

SUMÁRIO

Introdução 8
1. Perfil do jornal 10
2. Sobre a primeira agência de notícias sul-americana 14
3. Afinal, a quem pertence *O Globo*? 18
3.1 Manoel Gomes de Oliveira & C. 21
3.2 Quintino Bocaiúva 24
4. Crises, pausa e o fim 28
5. Textos publicados no rodapé d'*O Globo* entre 1874 e 1883 36
6. Conclusão 38
Referências bibliográficas 40
Anexos 43

Introdução

O jornal *O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria* teve início em 1874 no Rio de Janeiro, na Rua dos Ourives, nº 51. Ele teve duas fases, a primeira de agosto 1874 a março 1878, e a segunda de setembro de 1881 a março de 1883. Como sugerido no seu título, o periódico surgiu vinculado à Agencia Americana Telegraphica (AAT) que divulgava telegramas enviados e recebidos do estrangeiro na Rua Primeiro de Março. A propriedade tanto do jornal quanto da agência é atribuída a Manoel Gomes de Oliveira.

Sendo mais comum que os homens das letras ocupassem a direção dos jornais no século XIX, *O Globo* chama atenção por ter nessa posição um banqueiro, profissão exercida por Manoel Gomes de Olivera antes da criação do jornal. O que busco entender nesta monografia são os motivos pelos quais um banqueiro se tornou dono de um jornal no século XIX. Qual o interesse dele nessa área, que era dominada pelos homens das letras, do direito e da política, e como ele chegou nessa posição. Como e por que Manoel Gomes de Oliveira deixou as finanças para se tornar proprietário e diretor de uma agência de notícias e de um jornal?[1]

Tendo como ponto de partida essa questão, o Capítulo 1 faz um pequeno perfil editorial do jornal, explorando seu surgimento em meio às transformações políticas pelas quais o Brasil passava e descrevendo o que era publicado em suas páginas para contextualizar o papel d*'O Globo* na imprensa do século XIX.

O Capítulo 2 dedica-se a explicar a relação entre a Agência Americana de Telegrafia e o jornal *O Globo*, falando da história da telegrafia no Brasil, a partir da pesquisa de Mauro Costa da Silva, e sintetizando sua chegada no país, as mudanças que ela ocasionou e, a partir dos trabalhos de Matías Molina e Pedro Aguiar, afirmando o lugar da ATT como a primeira agência de notícias da América do Sul.

Depois de exposta essa relação entre as duas empresas, no Capítulo 3, busca-se contribuir com a pesquisa acerca da propriedade de *O Globo*. Assim, faz-se uma revisão bibliográfica dos estudos de Nelson Werneck Sodré, Matías Molina e Priscila Salvaia, observando-se o que os estudos relacionados à história da imprensa no Brasil e, sobre o jornal e a literatura, falam sobre *O Globo* e a propriedade do jornal. Sobre o assunto, esta monografia traz uma novidade a partir de uma fonte primária. No mesmo capítulo, também se realiza uma

[1] Essa questão foi o ponto de partida deste trabalho, mas a monografia não se propõe a respondê-la.

pequena biografia sobre dois proprietários do jornal: Manoel Gomes de Oliveira e Quintino Bocaiúva, julgando-se necessário o destaque dos dois como ocupantes dessa posição.

No Capítulo 4, tem-se um panorama sobre as formas sociais como *O Globo* se organizou durante o período em que esteve ativo, sendo elas ora como sociedade comanditária ora como sociedade anônima, e explicando como essas duas formas de sociedade funcionavam no século XIX. Além disso, o capítulo também se dedica a mostrar o que incentivou essas mudanças no jornal, as crises que o acompanharam durante os anos, e o seu fim, em 1883.

Por fim, o Capítulo 5 comenta a tabela produzida nesta monografia que organiza as obras publicadas nos folhetins no jornal entre os anos de 1874 e 1883. Para isso foram consultadas todas as edições disponíveis d'*O Globo* e organizado os títulos que foram publicados nas notas de rodapé, seus autores, a data inicial e a final em que aparecem no jornal. A organização busca entender o gênero literário do que era publicado nos folhetins de jornal e a nacionalidade dos autores desses textos; também busca contribuir com futuras pesquisas sobre o jornal e sobre a literatura oitocentista.

Para realização da pesquisa, *O Globo* foi consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional[2], onde as suas edições estão integralmente digitalizadas (apenas as edições que sofreram danos não constam no site). Com essa consulta foi possível entender como as figuras de Manoel Gomes de Oliveira e de Quintino Bocaiúva apareciam no jornal. Além de saber o período de início, pausa e fim do periódico, sua linha editorial, e algumas das mudanças observadas nos periódicos do final do século XIX.

Na discussão sobre a propriedade do jornal, foi realizado o trabalho de transcrição de um documento do século XIX. O documento em questão é um contrato social que foi encontrado pela Lúcia Granja no Arquivo Nacional (RJ), em um dos livros da Junta Comercial da província do Rio de Janeiro. Sua leitura recupera informações valiosas para a compreensão da sociedade que tinha como fim a propriedade d'*O Globo* no ano de 1876. É a partir deste documento que se pode afirmar que o envolvimento de Quintino Bocaiúva foi além da direção do jornal, o jornalista e político foi também proprietário d'*O Globo*. Essa descobertura contribui tanto para biografia de Quintino Bocaiúva quanto para história da imprensa.

[2] Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

1. Perfil do jornal

O Globo aparece na imprensa brasileira a partir de 1874. O período no qual se insere sua existência é marcada por grandes mudanças na política brasileira: a Guerra no Paraguai (1865-1870) trouxe grande influência de novas ideias filosóficas do Brasil, impulsionando o movimento abolicionista e o surgimento do Partido Republicano. A monarquia entrou em declínio e, após o seu fim, foi substituída pelo republicanismo em 1889 (Schwarcz & Starling, 2018).

O Globo está inserido então em grande parte desses anos de instabilidade política, assim, a partir de 1881, início da sua segunda fase, o jornal passa a ter um viés republicano e abolicionista. Ele acompanha o debate que acontecia em toda a imprensa da época desde o final de 1860. Nas suas páginas, é possível ler crônicas contrárias à Monarquia e principalmente à figura de Dom Pedro II; também é recorrente um discurso pró-abolição e a ideia de trazer imigrantes para substituírem os escravos no Brasil (Araujo, p. 97). Foi divulgado no *Cruzeiro* e reproduzido em *O Globo*, que nas páginas deste "há muita variedade de seções e abundância de notícias telegráficas"[3], assim suas colunas são compostas por temas de mercado e negócio, com notícias sobre o porto, propagandas e avisos, mas isso varia com o passar dos anos e o jornal vai acrescentando cada vez mais novas seções.

Seu grande diferencial, porém, é o perfil internacionalista, já que o jornal é associado à primeira agência de notícias do Brasil que divulgava telegramas via cabo submarino do estrangeiro. Primeiro as notícias partem da própria agência de notícias a qual ele surgiu vinculado – a Agencia Americana Telegraphica –, e depois sob contrato com outras agências de notícias que surgiram na época, como a Havas.

[3] Edição nº 2 de 1881. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/369381/per369381_1881_00002.pdf

Figura 1 — página de *O Globo* que mostra os telegramas compartilhados pela AAT

TELEGRAMMAS

AGENCIA AMERICANA TELEGRAPHICA

GOMES DE OLIVEIRA & C.

AMERICA

(BRAZIL)

PARÁ, 29 DE SETEMBRO

A' 1 hora da tarde

Cambio sobre Londres sem alteração.

Chegou de Liverpool, por Lisboa, o vapor inglez AUGUSTINE.

Entrou hoje do Porto a barca portugueza CA[illegible]NEZA.

PERNAMBUC[illegible] DE SETEMBRO

A's 9 horas e [illegible] minutos da manhã

Entrou dos [illegible] do norte o paquete nacional CEARÁ.

Trouxe a noticia de ter-se perdido no dia 12 do corrente, ao sahir á barra de Mossoró, a barca franceza SUFFRÉN.

Salvou-se toda a tripolação e quasi toda a carga de algodão e couros que levava para Liverpool.

A's 10 horas e 5 minutos da manhã

Chegou do Rio, pela Bahia, o paquete inglez NEVA.

Segue de tarde para Southampton e escalas.

(ESTADOS-UNIDOS)

NEW-YORK, 29 DE SETEMBRO

A's 9 horas da manhã

Noticias da America central dizem que a cidade de Antigua na republica da Guatemala ficou quasi destruida por um terremoto.

Não ha ainda promenores sobre o verdadeiro alcance do sinistro, a noticia diz apenas: «Uma parte da população ficou debaixo das ruinas; a ponte antiga da cidade desappareceu, da nova pouco resta».

No Pacifico tem cahido grandes temporaes.

Nas costas do mar da China um furacão causou grandes estragos em terra e no mar.

A cidade Amoy soffreu grandes perdas.

Na possessão portugueza de Macau o furacão fez-se sentir com maior força, cahiram algumas casas e afundaram-se as lanchas que estavam fundeadas no porto.

Em Canton e Hong-Kong tambem houveram desastres. No territorio do estado de Senesses tem havido luta armada entre negros e brancos.

Em todos os estados do sul cada vez se torna mais pronunciada a desintelligencia entre as duas raças e suppõe-se que o governo federal será obrigado a intervir de um modo muito efficaz.

eito realista hespan[illegible] são transportados por ma[illegible]

O marechal de Mac[illegible]on assistirá as manobras [illegible]ilitares que vão ter lugar.

(PORTUGA[illegible])

LISBOA, 29 DE S[illegible]EMBRO

A's 10 horas da manhã

Chegou hontem dos portos do Pacifico, pelo Rio da Prata e Brazil, o paquete inglez ILLIMANI.

A's 12 horas da manhã

O DIARIO DE LI[illegible]OA, folha official, publica hoj[illegible]a portaria, louvando o [illegible]copico procedimento da [illegible]da Sociedade Portu[illegible]e-flecencia na gere[illegible] 1873, pelos re[illegible] ções por ella pre[illegible] o periodo da [illegible] bem do dese[illegible] prosperidade [illegible] elação e em[illegible] ses dos sub[illegible] por consequ[illegible]

Reconhece[illegible] luto os serv[illegible] Sociedade Portugu[illegible] cencia.

Parece que o ministro das obras publicas resolveu não consentir que a secção do caminho de ferro do Porto a Braga [illegible] aberta á circulação, sem [illegible] esteja collocada a ponte de [illegible]rro sobre o rio Ave.

Fonte: *O Globo*, 1874 [4]

Além das transformações políticas, o período em que surgiu *O Globo* também foi marcado pela chegada de inovações tecnológicas significativas no campo da comunicação, como a instalação dos cabos telegráficos submarinos. Esses cabos conectaram cidades brasileiras a centros internacionais, permitindo o envio e recebimento de telegramas de forma mais rápida e, assim, integrando o Brasil às redes globais de informação do século XIX. *O Globo* tem grande participação desse movimento, uma vez que foi fundado como parte da Agencia Americana Telegraphica (AAT), agência de notícias que capitava notícias do estrangeiro a partir de telegramas. Ambos os empreendimentos pertenceram a um misterioso banqueiro do século XIX – Manoel Gomes de Oliveira.[5]

Essa propriedade, porém, sofre diversas mudanças no decorrer dos anos. *O Globo* é divido até em duas fases: a primeira que ocorreu até 1878, e a segunda de 1881 até 1883. As alterações sobre a propriedade do jornal são bastante evidentes no decorrer de suas edições, uma vez que o cabeçalho do jornal apresenta o nome da sociedade que detinha e propriedade ou a forma legal como ele se organizava no momento. Assim, em 1875, *O Globo* deixou de ser propriedade de Gomes e veículo da agência de notícias – o nome dessa é até apagado do

[4] Edição nº 215 de 1874 do jornal *Diário do Rio de Janeiro*. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/094170_02/31966

[5] A biografia de Manoel Gomes de Oliveira será tratada no capítulo 3.

subtítulo do jornal – e passa a ser apenas "Órgão dos interesses do Comércio, da Lavoura e da Indústria" e propriedade de uma associação anônima. Em 1876 ocorre mais uma mudança e o cabeçalho passa a dizer que o jornal é propriedade de uma associação, excluindo o "anônima", e posteriormente, a questão da propriedade de seu cabeçalho. [6]

As mudanças também ocorrem no valor e no endereço do jornal. No início *O Globo* era distribuído na Corte e em Niterói pelo valor de 20.000 réis por ano e 12.000 réis por seis meses, já nas províncias o valor era de 24.000 réis por ano e 14.000 réis por seis meses. Com o passar dos anos esse valor sofreu alterações e passaram a ser oferecidos outros planos.

O periódico sempre teve espaço reservado para a literatura, os folhetins fizeram parte das publicações desde as primeiras edições. O primeiro romance, *A viscondessa Alice* de Albéric Second, aparece na edição nº 5 de 1874, antes disso não é possível ver o rodapé das edições disponíveis na Hemeroteca Digital. A presença da literatura oscilava entre os folhetins no rodapé, onde eram publicados romances, críticas literárias, crônicas etc, e uma seção separada apenas para esse assunto, a "secção litteraria".

O primeiro romance brasileiro a ser publicado foi *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, embora sua publicação tenha sido interrompido e apenas os primeiros capítulos constem n'*O Globo*. Assim, o primeiro romance brasileiro publicado integralmente no impresso foi *A mão e a luva* de Machado de Assis, que aparece na edição nº 53 do jornal, em 26 de setembro de 1874, e tem seu final na edição nº 91, em 3 de novembro de 1874, numa terça-feira. O texto passou a ser vendido integralmente em 1875 pelo valor de 1.000 réis. Embora em seu início o recente romance brasileiro tenha espaço reservado nas notas de rodapé, ele logo é substituído pelos romances franceses. Os autores brasileiros passam a publicar apenas crônicas, textos críticos, resenhas etc, enquanto os franceses são os responsáveis pelos textos mais longos, como os romances, isso se observa a partir do segundo ano do jornal.

Na sua segunda fase, *O Globo* passou a contar com uma publicação semanal chamada *O Globo Illustrado*. Na divulgação desta o jornal diz que produzirá "uma folha útil e recreativa" e que "acharão as famílias, principalmente as senhoras, figurinos e desenhos relativos ao belo sexo". O jornal publica em sua edição principal textos sobre política, comércio, notícias do mundo, e nessa edição, dedicada ao publico feminino, textos "amenos". A venda avulsa da sua primeira edição custou 200 réis.

[6] As formas legais como *O Globo* se organizou no decorrer dos anos serão exploradas no capítulo 4.

Figura 2 — divulgação de *O Globo Illustrado*

O GLOBO ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Nesta semana publicaremos o primeiro numero da edição semanal, que expressamente organisamos no intuito de offerecer ao publico em geral uma folha ao mesmo tempo util e recreativa, e aos habitantes das provincias uma resenha semanal onde sejam compendiados todos os successos importantes da semana e artigos especiaes referentes a assumptos politicos, economicos, administrativos, scientificos e litterarios.

Nessa edição semanal acharão as familias, especialmente as senhoras, figurinos e desenhos relativos ás modas em voga, quanto ao vestuario e ornatos proprios do bello sexo, além de retratos e biographias de pessoas illustres.

Deste modo o *Globo Illustrado* offerecerá além do attractivo de uma leitura instructiva e moralisadora estampas e modelos, geralmente apreciados pelo bello sexo e uteis para os labores a que são mais particularmente affeiçoadas as senhoras.

Do primeiro numero desta edição especial, cuja divulgação deve interessar a todas as classes da população, particularmente ás pessoas que residem fóra da capital, faremos uma distribuição gratuita em larga escala, afim de a tornar conhecida.

Neste intuito destinamos aos lavradores, ás corporações, bibliothecas e fazendeiros residentes no interior do paiz a distribuição de CINCO MIL EXEMPLARES.

Cada numero do *Globo Illustrado* constará pelo menos de oito paginas, com texto e gravuras, além das paginas subsidiarias onde imprimiremos os annuncios que forem remettidos.

O preço da subscripção annual da edição do *Globo Illustrado* será de 12$, tanto para esta capital como para as provincias.

As pessoas que conjunctamente assignarem a nossa edição diaria e a do *Globo Illustrado* pagarão annualmente, por uma e outra, a quantia de 26$ annuaes tanto para esta capital, como para as provincias.

Para a venda avulsa o preço será de 200 réis cada numero

Fonte: *O Globo*, 1881[7]

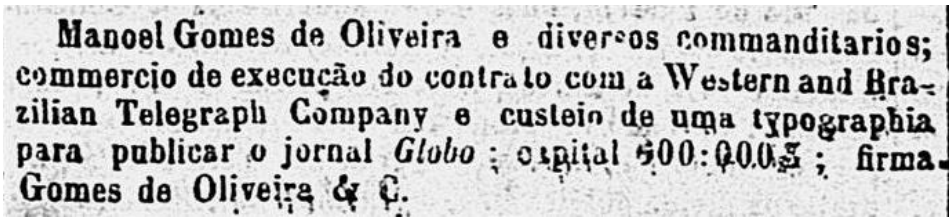
Assim despontou *O Globo* na imprensa oitocentista do Rio de Janeiro. Um jornal que não é foco de pesquisas, mas perpassa por momentos significativos da história e da literatura brasileira. Nos próximos capítulos serão abordados a sua conexão com a Agencia Americana Telegraphica, sua propriedade e seus folhetins.

[7] <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/5236>

2. Sobre a primeira agência de notícias sul-americana

O projeto de Manoel Gomes de Oliveria com o jornal e com a agência de notícias surge simultaneamente. Em edição do *Diário do Rio de Janeiro* compartilha-se a notícia do contrato do banqueiro realizado com a *Western and Brazilian Telegraph Company* (WBTC) junto da compra da tipografia que imprimiria o jornal *O Globo*.

Figura 3 — divulgação da compra da tipografia para publicar *O Globo* e contrato com empresa de telegrafia


Manoel Gomes de Oliveira e diversos commanditarios; commercio de execução do contrato com a Western and Brazilian Telegraph Company e custeio de uma typographia para publicar o jornal *Globo* ; capital 500:000$; firma Gomes de Oliveira & C.

Fonte: *Diário do Rio de Janeiro*, 1874 [8]

> Manoel Gomes de Oliveira e diversos comanditários; comércio de execução do contrato com a Western and Brazilian Telegraph Company e custeio de uma tipografia para publicar o jornal Globo; capital 500:000; firma Gomes de Oliveira & C (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1874).

Desse modo, existe uma relação entre o jornal e a agência. Para explicá-la destacarei o caminho percorrido até a chegada da telegrafia no Brasil. Uma vez que a Agência Americana de Telegrafia foi a primeira agência de notícias no país e a primeira a divulgar notícias do estrangeiro, é relevante resumir o caminho percorrido pelas notícias que chegavam de fora do Brasil antes do surgimento dela.

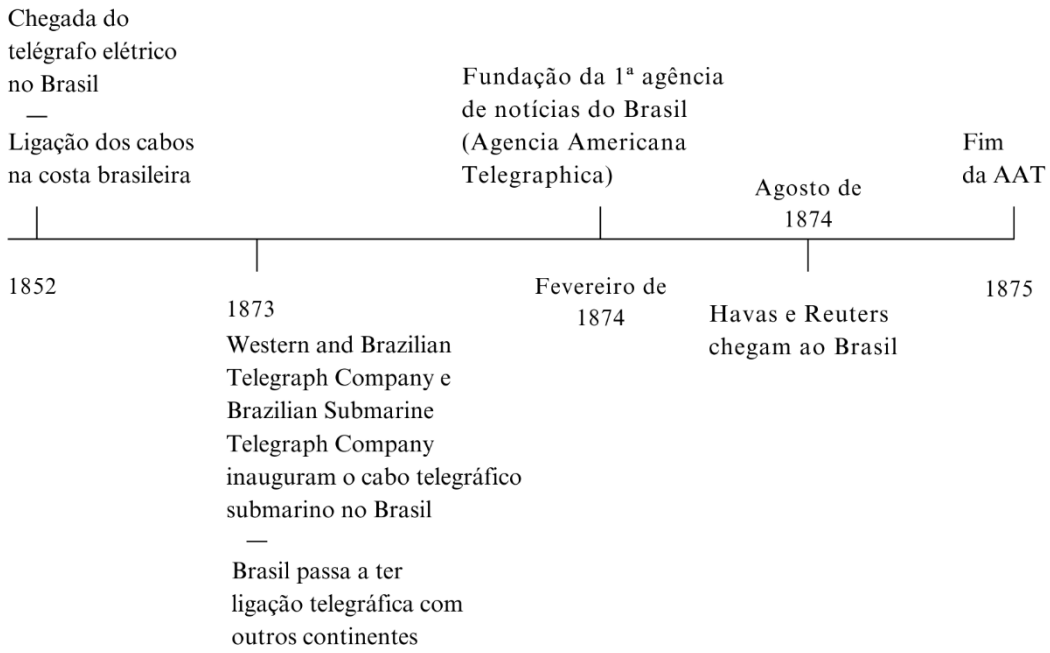
Para que fossem divulgadas notícias de outros países no Brasil era necessário que fossem importados jornais, que aqui teriam suas notícias transmitidas nos jornais brasileiros. Para que esses jornais circulassem de um território para outro foram necessárias várias formas de locomoção, como navios e aviões.

Entre o jornal e a telegrafia existe a agência de notícias, que é a responsável por receber os telegramas que chegam e distribuí-los aos jornais. A telegrafia não foi, porém, substituta dos outros meios de transmissão de notícias. Embora mais rápida, essa era uma tecnologia cara para época. Assim, os navios continuaram sendo utilizados na circulação de jornais até o século XX. A vantagem do telegrama era a rapidez com que a notícia chegava, ele passou a ser bastante utilizado na época para transmitir notícias urgentes. A desvantagem era o seu valor, uma vez que era cobrado por cada palavra que seria transmitida. Para resolver isso, acabou se tornando

[8] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/094170_02/31966

comum diminuir os textos para baratear a mensagem, o que acabava por causar confusão no texto que seria transmitido. Como escreveu Machado de Assis sobre o telégrafo, "Seu mérito é a rapidez; seu defeito é a concisão e a confusão. Tem obrigação de dizer as coisas por meias palavras…"[9] (Molina, 2015).

Figura 4 — Linha do tempo da chegada da telegrafia e das agências de notícias no Brasil



Fonte: elaboração própria

Segundo Costa da Silva, a telegrafia foi introduzida no Brasil em 1852. Por meio da nova tecnologia as mensagens eram transmitidas à distância usando sinais codificados Num primeiro momento o telégrafo era elétrico e a linha subterrânea ligava apenas a costa brasileira. Além disso, a sua chegada tem relação com o fim da escravidão, pois com a rapidez que as notícias corriam era mais fácil controlar o tráfico clandestino, mas com a queda na importação de negros para o Brasil, seu uso também foi caindo. Ele ressurge então quando é iniciada a Guerra do Paraguai (1864-1870) e o governo monárquico passa a ter interesse na comunicação entre a Corte e os militares que estavam na linha de frente (2011, p. 52). Desse modo, observa-se que embora a telegrafia tenha virado um grande instrumento para comunicação de notícias, isso não foi o que impulsionou o seu desenvolvimento, este foi na verdade motivado pela política.

[9] Assis *apud* Molina, p. 407-408, 2015.

Em sua tese, Mauro Costa da Silva escreve que foi a Inglaterra que realizou a chegada da telegrafia submarina entre as capitais do litoral do Brasil; e entre territórios brasileiros e europeus, sendo a concessão da primeira dada à Western and Brazilian Telegraph Company (WBTC) e da segunda à Brazilian Submarine Telegraph Company (BSTC). Para o autor, "a Inglaterra pretendia controlar toda a comunicação sul-americana.", uma vez que era a partir dos telegramas dessas empresas que chegavam com mais rapidez as notícias de fora do Brasil. A edição nº 32 do jornal *A República* aponta a relação entre a WBTC e a AAT, parabenizando Manoel Gomes de Oliveira pela iniciativa da empreitada.[10] As duas empresas relacionadas à instalação dos cabos submarinos, BSTC e WBTC, pertenciam a John Pender, que, como estratégia empresarial, criou duas empresas de exploração de cabo submarino para que caso uma falhasse ele não tivesse grandes prejuízos, tendo a outra como alternativa.

> No ano seguinte, o empresário britânico John Pender (1816-1896), o mais importante empresário de cabos submarinos do século XIX, proprietário de dezenas de empresas telegráficas espalhadas pelo mundo, adquiriu as concessões de Charles Bright para a instalação dos cabos no litoral do Brasil e as de Mauá para ligação do Brasil com a Europa. Para a exploração do serviço telegráfico na América do Sul, John Pender utilizou um expediente que lhe era comum: criava empresas distintas para exploração dos cabos submarinos numa determinada região como uma estratégia empresarial. A ideia era de que um eventual fracasso de uma das empresas não colocaria necessariamente a outra em risco. No Brasil, John Pender fundou a Western and Brazilian Telegraph Company (WBTC), que recebeu a concessão de Charles Bright através do decreto n°. 5270, de 26 de abril de 1873, e a Brazilian Submarine Telegraph Company (BSTC), que recebeu a concessão do Barão de Mauá através do decreto n°. 5312, de 18 de junho de 1873 (Costa da Silva, 2011, p. 61).

Ou seja, as duas empresas estão no Brasil, mas não são concorrentes, coexistem como forma de estratégia comercial do empresário John Pender.

Com conexão para o Rio de Janeiro, as mensagens provinham de diversos lugares do Brasil, mas a inovação vinha do fato de receberem telegramas de outros países, como Chile, Argentina, Estados Unidos, Rússia, França, criando essa conexão tanto entre o território nacional quanto com a América do Norte e a Europa. Segundo Aguiar (2018), a AAT foi a primeira agência de notícias da América Latina, ainda no século XIX. Assim, seu destaque na época é tanto pela sua inovação de transmitir telegramas do estrangeiro quanto pelo seu pioneirismo de ser a primeira agência em território sul-americano. É Matías Molina, em *História dos jornais no Brasil* (2015), quem dá destaque à AAT colocando-a como a primeira agência de notícias do Brasil.

[10] http://memoria.bn.br/docreader/226440/5654

Embora exista essa relação entre *O Globo* e a AAT, a primeira notícia distribuída pela agência foi lançada no *Jornal do Recife* (Molina, 2015), a qual acredita-se ser a primeira notícia estrangeira que chegou via telegrama e foi publicada em um jornal brasileiro.

Existiu um controle da informação compartilhada pela Agência Americana Telegráfica, uma vez que foi a primeira a ocupar esse espaço e por alguns meses foi também a única. Porém, esse monopólio da ATT durou por um período muito curto, logo outras agências chegaram no Brasil e passaram a divulgar telegramas também, agências essas que eram maiores e mais experientes no ramo — Havas e Reuters. É possível ver telegramas disponibilizados por tais agências até n'*O Globo*, que passa a contratar os serviços delas.

3. Afinal, a quem pertence *O Globo*?

A bibliografia disponível sobre *O Globo* ainda é relativamente escassa, embora se observe um desenvolvimento recente nas pesquisas sobre o jornal. Para apresentar as descobertas já realizadas e esclarecer a trajetória dos seus proprietários, serão analisadas três obras relevantes: *História da imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, publicado em 1966 pela editora Civilização Brasileira; *Diálogos possíveis: o folhetim Helena (1876), de Machado de Assis, no jornal O Globo*, dissertação de Priscila Salvaia, defendida em 2014; e *História dos jornais no Brasil*, de Matías Molina, lançado em 2015 pela Companhia das Letras.

Com os 49 anos que separam as duas, as obras de Sodré e Molina são fundamentais para a compreensão da história da imprensa e dos jornais no Brasil. Pela sua abrangência, ambas abordam *O Globo* de forma panorâmica. A dissertação de Salvaia, por sua vez, oferece uma análise mais detalhada do perfil editorial do jornal, contribuindo para uma compreensão mais profunda sobre ele.

No entanto, um aspecto que permanece pouco explorado nas pesquisas existentes é a questão da propriedade do jornal, que é comumente associada apenas a Quintino Bocaiúva, o "príncipe do jornalismo". Esta pesquisa visa preencher essa lacuna ao investigar quem foram os proprietários d'*O Globo* antes da ascensão de Bocaiúva, esclarecendo sobre a trajetória de seu primeiro colaborador e fundador. Também traz uma fonte primária que prova que Bocaiúva foi além de redator e dirigente, mas também proprietário do jornal.

Assim, destaca-se primeiro o livro de Nelson Werneck Sodré, *História da imprensa no Brasil*, uma obra clássica para os estudos sobre os jornais brasileiros. O livro abrange grande parte da história da imprensa, desde sua chegada ao Brasil, no período colonial, até parte do século XX. Não é, portanto, surpreendente que Sodré dê mais ênfase a alguns periódicos de maior relevância na época, enquanto outros, como *O Globo*, recebam menos destaque. Assim, nas poucas vezes em que cita *O Globo*, Sodré sempre o relaciona a Quintino Bocaiuva ou a outras figuras, como Salvador Mendonça:

> [...] em 1875 Joaquim Nabuco faria sérias restrições à obra de José de Alencar, ensejando polêmica em *O Globo*, o jornal de Quintino Bocaiuva na época, em cujas páginas, no ano anterior, Machado de Assis publicara em folhetim, *A Mão e a Luva* (Sodré, 1999, p. 224).

No trecho ele fala sobre a publicação do livro *A mão e a Luva* de Machado de Assis no jornal em 1874; e sobre o ano em que Joaquim Nabuco publicou os artigos que criticavam a obra de José de Alencar, o caso ocorreu em 1875. Mas, em 1874 e em 1875 Bocaiuva não era

dono d'*O Globo*, ele viria a ser proprietário do jornal apenas em 1876, como mostrarei mais à frente. O jornal era, na verdade, de uma sociedade anônima, como foi mostrado no primeiro capítulo deste trabalho. Portanto, o livro de Sodré é relevante pela sua abrangência, mas genérico ao tratar de alguns jornais que cita.

O livro *História dos jornais no Brasil*, de Matías Molina, teve seu primeiro volume publicado em 2015. A obra se propõe a traçar a história da imprensa brasileira, cobrindo desde o período colonial até a Regência. Molina inicia o estudo abordando o atraso na chegada da tipografia e da imprensa ao Brasil, seguido pela análise de como a vinda da Corte portuguesa possibilitou a criação da Impressão Régia. Encerrando esse percurso histórico, ele examina o papel da imprensa durante a Independência e o período regencial.

O quarto capítulo é especialmente relevante para esta pesquisa, pois o autor o destina a fazer uma análise dos fatores que condicionaram o desenvolvimento da imprensa no Brasil, explicando a limitada penetração dos jornais no país e apontando o analfabetismo da maior parte da população como a problemática para tal (Molina, p. 14-19). Nesse contexto, Molina dedica-se ao estudo das agências de notícias e estabelece uma conexão fundamental entre Manuel Gomes de Oliveira, a telegrafia, a Agência Americana Telegráfica e o jornal *O Globo*, associando Oliveira como seu primeiro proprietário, o autor afirma que:

> Manoel Gomes de Oliveira publicou, a partir de agosto de 1874, também no Rio de Janeiro, o diário O Globo, 'Orgão da Agencia Americana Telegraphica, dedicado aos interesses do Comércio, Lavoura e Indústria', que declarava manter 'completa neutralidade em relação aos partidos políticos' (Molina, 2015, p. 425).

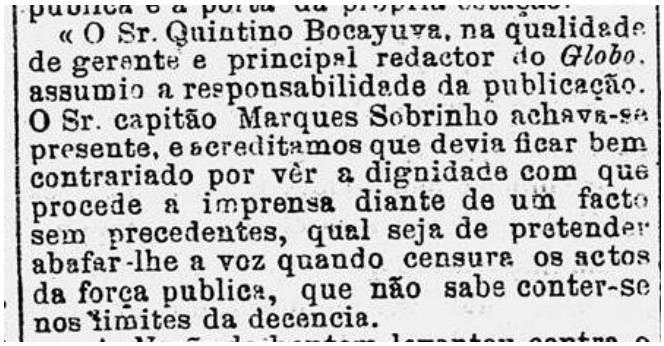
No livro, Matías Molina não apenas evidencia o papel de Manuel Gomes de Oliveira na fundação de *O Globo*, mas o relacionada à chegada da primeira agência de notícias brasileira e destaca a importância dessas agências e da telegrafia para o desenvolvimento da imprensa no Brasil no final do século XIX.

Em *Diálogos possíveis: o folhetim* Helena *(1876), de Machado de Assis, no jornal* O Globo, dissertação defendida em 2014 por Priscila Salvaia, e no seu artigo "Das páginas efêmeras da imprensa à posteridade dos livros" (2023), a pesquisa avança e a autora dedica algumas páginas a fazer uma descrição editorial sobre *O Globo*. A dissertação propõe uma releitura do romance *Helena*, de Machado de Assis, com base em sua publicação original como folhetim no jornal *O Globo* em 1876. Ao buscar uma análise que situe o romance no contexto de sua época, o estudo examina as possíveis influências e diálogos entre o texto literário e o ambiente jornalístico em que foi inserido. Em particular, a pesquisa se concentra no discurso moderno da imprensa fluminense, que frequentemente tratava de temas relacionados às lutas

femininas e feministas, tanto no Brasil quanto no exterior. A partir dessa perspectiva de gênero, defende-se a ideia de que os leitores de *O Globo* estavam expostos a visões e debates que poderiam se interrelacionar com a narrativa de Machado de Assis. O objetivo principal da pesquisa é identificar as interpenetrações entre o discurso jornalístico e a ficção, destacando a interação entre imprensa e literatura no século XIX.

Para isso, Salvaia começa escrevendo um perfil editorial para *O Globo*, o que é proveitoso para este trabalho, uma vez que ela fala especificamente sobre o jornal foco desta monografia, e não de forma ampla e pontual como os livros que se propõem a falar de toda a história da imprensa e do jornalismo. É nesse trabalho, então, que Priscila Salvaia destaca o fato de Quintino Bocaiúva ser referenciado como editor-chefe em algumas edições do jornal, isso pode ser observado nos exemplos a seguir:

Figura 5 — página de *O Globo*



« O Sr. Quintino Bocayuva, na qualidade de gerente e principal redactor do *Globo*, assumio a responsabilidade da publicação. O Sr. capitão Marques Sobrinho achava-se presente, e acreditamos que devia ficar bem contrariado por vêr a dignidade com que procede a imprensa diante de um facto sem precedentes, qual seja de pretender abafar-lhe a voz quando censura os actos da força publica, que não sabe conter-se nos limites da decencia.

Fonte: *O Globo*, 1876 [11]

O Sr. Quintino Bocayuva, na qualidade de gerente e principal redator do Globo, assumiu a responsabilidade da publicação. O Sr. Capitão Marques Sobrinho achava-se presente, e acreditamos que devia ficar bem contrariado por ver a dignidade com que procede a imprensa diante de um facto sem precedentes, qual seja de pretender abafar-lhe a voz quando censura os atos da força pública, que não sabe conter-se nos limites da decência (*O Globo*, Rio de Janeiro, 1876).

Figura 6 — página de *O Globo*

O nosso director da redacção, Sr. Quintino Bocayuva, terá de ser obsequiado com o seu retrato a oleo e primorosamente emmoldurado, que lhe offerecem alguns cidadãos, como demonstração de apreço aos serviços do nosso collega na imprensa do paiz.

Fonte: *O Globo*, 1877 [12]

[11] Edição nº 89 de 1876. O artigo foi publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* e replicado em edição d'*O Globo*. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/2347

[12] Edição nº 219 de 1877. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/4315

> Nosso diretor da redação, Sr. Quintino Bocayuva, terá de ser obsequiado com o seu retrato a óleo e primorosamente emoldurado, que lhe oferecem alguns cidadãos, como demonstração de apreço aos serviços do nosso colega na imprensa do país (*O Globo*, Rio de Janeiro, 1877).

Porém, além de citá-lo como editor-chefe e redator do jornal — o que pode ser provado com pesquisa hemerográfica — ela também cogita que Quintino Bocaiúva era um dos sócios d'*O Globo*, e que por isso o "príncipe do jornalismo" seria tão associado por estudiosos ao jornal (Salvaia, p. 16); como visto, por exemplo, no livro de Sodré.

A propriedade de Bocaiúva é corroborada por um documento encontrado pela Lúcia Granja no Arquivo Nacional (RJ). No *Livro 60* da Junta Comercial, registro 16.903, páginas 18-25, Quintino Bocaiúva é identificado como sócio solidário e é formada, assim, a firma social de Quintino Bocaiúva e Companhia. O contrato de 31 de junho de 1876, em anexo a esta monografia, especifica que ele não poderia investir mais do que treze cotas mensais a menos que aumentasse a tiragem do jornal, que era de 4.000 exemplares.

Isso resolve parte da questão da propriedade do jornal, demonstrando que, além de suas funções como redator e editor-chefe, Bocaiúva realmente foi proprietário e diretor de *O Globo* — o que ficou provado pelo contrato social de 1876. A descoberta contribui com a biografia do renomado jornalista e com a história do jornal que ele esteve à frente.

Portanto, a história d'*O Globo* se inicia com o enigmático banqueiro Manoel Gomes de Oliveira e se encerra com o importante escritor, jornalista e político, Quintino Bocaiúva. Para entender quem foram essas duas figuras que estavam à frente de *O Globo*, escreverei um breve resumo sobre as suas vidas:

3.1 Manoel Gomes de Oliveira & C.

No *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (1970) de Augusto Blake consta uma pequena biografia de um certo Manoel Gomes de Oliveira. O autor escreve que sabe apenas que ele nasceu no Brasil e apresentou ao governo monárquico as bases e o plano de um projeto de imigração, chamado *Burgos agrícolas*. [13] Embora a época seja a mesma em que viveu o dono d'*O Globo*, é difícil confirmar se esse Oliveira é o mesmo que foi proprietário e diretor do jornal. O que se sabe sobre ele é que antes de dirigir o periódico possuiu outro empreendimento: um banco. É possível estabelecer um perfil empreendedor e, mais especificamente

[13] O plano pode ser consultado em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/222306

considerando seu pioneirismo com a agência de notícias, inovador para Oliveira. Porém, não se sabe com precisão o que o motivou a entrar no mundo das notícias.

A partir da pesquisa de Pedro Aguiar (2018), é possível compreender o caminho profissional que Manuel Gomes de Oliveira percorreu. No texto "Agencia Americana Telegraphica, a primeira agência de notícias do Brasil e da América Latina", ele escreve que Oliveira foi um renomado financista no Segundo Reinado, com o banco Gomes de Oliveira & Irmão, e dirigente da patronal de seguradoras (Associação Brasileira de Seguros e Benefícios-Mútuos), até falir no final dos anos 1860. Segundo Aguiar, jornais entre 1867 e 1870 registram diversos processos abertos contra a firma, contestando o pedido de concordata feito antes.

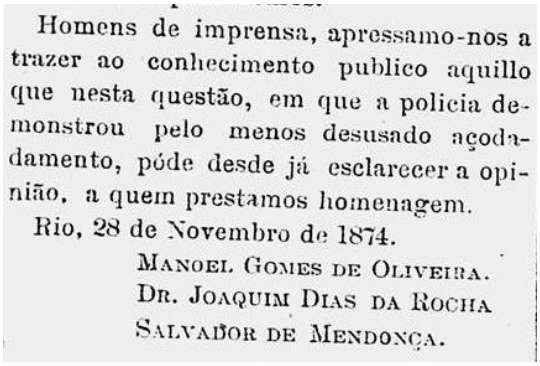
Posteriormente, considerando a data e o local, ele relaciona o Manoel Gomes de Oliveira dono d'*O Globo* a uma figura de nome homônimo que aparece no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (1844 a 1885)[14], onde consta um Manoel Gomes de Oliveira Júnior que ocupa o cargo de amanuense. Além disso, também o relaciona a algumas notícias compartilhadas por jornais cariocas em 1874, a primeira pelo *Jornal do Commercio* (1870-1879), no dia 10 de fevereiro de 1874, relata a substituição do Sr. Manoel Gomes de Oliveira, que ocupava o cargo de presidente da junta dos corretores. [15] A segunda aparece no *Diário do Rio de Janeiro* (1860-1878), no dia 2 de junho de 1874, e noticia a saída de Manoel Gome de Oliveira do cargo de diretor na associação de seguradores, pois ele não poderia acumular a função com a de diretor da Empresa Telegráfica e Tipográfica.[16] Provando-se assim dois cargos, além do de banqueiro, exercidos pelo futuro proprietário da agência de notícias e de jornal.

Assim, com base nesses dados, é possível traçar um perfil profissional de Manoel Gomes de Oliveira, mas as motivações que o levaram a ingressar no mundo do jornalismo e das notícias permanecem obscuras devido à escassez de informações sobre sua vida.

Outras duas figuras fizeram parte da sociedade que tem como propriedade o jornal *O Globo*: Salvador de Mendonça e Joaquim Dias da Rocha. Eles representam o "Companhia" que vem ao lado do nome de Manoel Gomes de Oliveira. No dia 29 de novembro foi publicado no jornal um artigo assinado pelos três. Nele é citada a sociedade comanditária Gomes de Oliveira & C.

[14] http://memoria.bn.gov.br/docreader/313394x/115
[15] http://memoria.bn.gov.br/docreader/364568_06/8057
[16] http://memoria.bn.gov.br/docreader/094170_02/31705

Figura 7 — página de *O Globo*



Homens de imprensa, apressamo-nos a trazer ao conhecimento publico aquillo que nesta questão, em que a policia demonstrou pelo menos desusado açodamento, póde desde já esclarecer a opinião, a quem prestamos homenagem.
Rio, 28 de Novembro de 1874.
MANOEL GOMES DE OLIVEIRA.
DR. JOAQUIM DIAS DA ROCHA
SALVADOR DE MENDONÇA.

Fonte: *O Globo*, 1874 [17]

> Homens de imprensa, apressamo-nos a trazer ao conhecimento publico aquillo que nesta questão, em que a policia demonstrou pelo menos desusado açodamento, póde desde já esclarecer a opinião, a quem prestamos homenagem.
> Rio, 28 de Novembro de 1874.
> Manoel Gomes de Oliveira.
> Dr. Joaquim Dias da Rocha
> Salvador de Mendonça. (*O Globo*, Rio de Janeiro, 1874).

Salvador de Meneses Drummond Furtado de Mendonça nasceu em 1841, em Itaboraí, no Rio de Janeiro. Como era comum entre os homens das letras da época, iniciou seus estudos de Direito em São Paulo, mas não os concluiu naquele primeiro momento. Em 1861, de volta ao Rio de Janeiro, atuou em jornais como o *Diário do Rio de Janeiro* – dirigido por Joaquim Saldanha Marinho[18] –, o *Jornal do Commercio*, o *Correio Mercantil* e *A Atualidade*.

Além de seu trabalho na imprensa, escreveu críticas literárias e lecionou, chegando a dar aulas no Imperial D. Pedro II. Mendonça voltou a São Paulo para finalizar o curso de Direito, formando-se em 1867. No ano seguinte, assumiu a administração do jornal *O Ypiranga*, onde acumulou outras funções, como de redator e tradutor. Na mesma época foi secretário do presidente da província de São Paulo, Saldanha Marinho (Bezerra, 2017).

Segundo Valéria Bezerra, a experiência que Mendonça teve em *O Ypiranga* serviu como base para sua postura jornalística, que, posteriormente se tornou um jornalismo político. Republicano convicto, ele foi um dos autores do Manifesto Republicano,[19] publicado em 1870, ao lado de Quintino Bocaiúva. Curiosamente, mesmo tendo tal posição política, no mesmo ano em que foi publicado o Manifesto Republicano, ele trabalhou como cônsul imperial. Mendonça integrou a diplomacia brasileira em Nova Iorque como cônsul Geral do Império brasileiro.

[17] http://memoria.bn.gov.br/docreader/369381/461
[18] Que viria a ser o advogado dos três sócios de *O Globo* no caso em que foram indiciados por infringirem leis do império (Aguiar, 2018).
[19] *In*: Brasiliense, Américo de. **Os programas dos partidos e o 2º Império**. Typ. de Jorge Seckler: São Paulo, 1878.

Nesse cargo teve a tarefa de estreitar os laços entre o Brasil e os Estados Unidos (Campos, 2016).

De volta ao Rio de Janeiro, ele trabalhou no jornal *A República*, veículo associado às ideias republicanas. Ali foi redator, depois redator-chefe, e em 1872, chegou a ser um de seus proprietários, até sair do jornal. Após a experiência em *A República*, ele teve uma grande carreira como tradutor. Segundo Bezerra (2017), Baptiste-Louis Garnier trouxe para o mercado editorial brasileiro 80 livros franceses, desses, 20 foram traduzidos por Salvador Mendonça. Ele alcançou grande reconhecimento como escritor ao lançar o romance *Marabá*, originalmente publicado como folhetim em *O Globo*, e depois, como livro pela Tipografia do Globo. O folhetim foi publicado no jornal entre dezembro de 1874 e fevereiro de 1875, período em que os sócios passavam pela primeira crise e respondiam a um inquérito por realização ilegal de jogo de azar (Bezerra 2017; Aguiar, 2018).

Sua carreira literária foi breve, interrompida em 1875, quando ele retornou a Nova Iorque para atuar no consulado. No mesmo ano, ele deixou as atividades em *O Globo* e a sociedade foi desfeita. Segundo Araujo (2015, p. 74), nessa ocasião, Bocaiúva substituiu Mendonça no periódico. Em 1889, ano em que o Brasil deixou de ser uma Monarquia, Mendonça era ministro plenipotenciário e foi responsável pelas negociações com o governo americano, para que esse reconhecesse a República brasileira (Campos, 2016). Seguiu na carreira diplomática até 1898. Depois voltou à tradução e a escrever artigos para jornais.

A Academia Brasileira de Letras (ABL) teve como idealizador e fundador seu irmão, Lúcio de Mendonça (1854-1909). Já Salvador Mendonça participou dela como membro-fundador. Ele faleceu em 1913, deixando um legado marcado pelo jornalismo, pela literatura e pela diplomacia.

O último sócio de *O Globo*, junto com Manoel Gomes de Oliveira e Salvador de Mendonça, foi Joaquim Dias da Rocha.[20] Pai do homônimo referenciado *no Diccionario Bibliographico Brasileiro* de Augusto Blake como "Doutor" Joaquim Dias da Rocha, assim como aparece na edição nº117, de 1874, do jornal.

3.2 Quintino Bocaiúva

Enquanto as informações sobre Manoel Gomes de Oliveira são escassas, o mesmo não se pode dizer sobre Quintino Bocaiúva. Este trabalho busca enfatizar seu papel como editor, dirigente, sócio solidário e, principalmente, proprietário do jornal *O Globo*. Sua atuação se

[20] A biografia deste não será desenvolvida neste trabalho.

estendeu por diversos outros periódicos e, também, na política. Com envolvimento tanto na literatura quanto no jornalismo e na esfera política, Bocaiúva se consolidou como um autêntico "homem de letras", assim Sílvio Romero escreveu que:

> No Brasil, ainda mais do que noutros países, a literatura conduz ao jornalismo e este à política que, no regime parlamentar e até no simplesmente representativo, exige que seus adeptos sejam oradores. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: o literato é jornalista, é orador, e é político (Romero, 1954, p. 865, *apud* Sodré, 1999, p. 184).

Tal trajetória é evidente na vida de Quintino Bocaiúva. Nascido no Rio de Janeiro, no dia 4 de dezembro de 1836, foi chamado por Quintino Ferreira de Sousa e Maria Candelária Moreno y Alogan, de Quintino Antônio Ferreira de Sousa. Em São Paulo, no ano de 1852, ele iniciou o curso de Humanidades anexo à faculdade de direito, e nesse período publicou poemas e artigos em jornais literários e políticos – o que mostra seu interesse pelos assuntos desde a juventude. Na mesma época, estimulado pelo nativismo indígena, substituiu o sobrenome paterno por "Bocaiúva".

Por problemas financeiros, não finalizou os estudos, voltou para o Rio de Janeiro, e começou sua carreira como dramaturgo, escrevendo peças como *Trovador* (1856), *Onfália* (1860) e *Os mineiros da desgraça* (1861). Paralelo à vida de escritor de teatro, estava a vida de jornalista, Bocaiúva trabalhou no *Correio Mercantil* de 1860 a 1864, editou o *Diário do Rio de Janeiro* a partir de 1860, jornal do qual foi também proprietário por um certo período. Foi editor do jornal *O Paraíba* e fundou *A República*, do qual foi redator e diretor, e, quando esse chegou ao fim, atuou em *O Cruzeiro* (Lemos, 2015).

Portanto, até chegar n'*O Globo* como redator, diretor e proprietário, Bocaiúva já havia percorrido um longo caminho por empresas jornalísticas, tendo assim acumulado grande experiência na área, o que o fez adquirir o título de "príncipe do jornalismo", como ficou conhecido. Após o fim d'*O Globo*, ele ainda participou da fundação d'*O Paiz*, onde atuou como redator-chefe. É possível estabelecer uma conexão interessante entre os dois periódicos. Esse último tinha como proprietário João José dos Reis, visconde de São Salvador de Matosinhos, que consta como um dos sócios comanditários no contrato social de 1876 do jornal *O Globo*.

A sua vida política aconteceu concomitantemente à de escritor e jornalista – o que não era incomum entre os homens das letras do século XIX. No capítulo "Quem são os jornalistas?", de seu livro sobre a história cultural da imprensa, Marialva Barbosa cria um perfil para os novos jornalistas do final do século XIX até o início do XX. Para isso ela utiliza alguns nomes como exemplos, e, embora Quintino Bocaiúva não esteja entre eles, ele se encaixa em algumas das descrições que a autora faz.

Primeiro, ela escreve que a maior parte dos jornalistas do período são oriundos das faculdades de Direito. No caso de Bocaiúva, ele não chegou a finalizar, mas começou o curso de Humanidades, anexo à Academia de Direito, onde teve contato inicial com o mundo da imprensa ao publicar artigos para jornais. No livro, Barbosa destaca que as faculdades de direito formavam profissionais para ocuparem cargos políticos ou no aparelho burocrático, tendo um projeto de ensino voltado para o ecletismo e para a formação de profissionais dirigentes (2010, p. 149). Não é possível mensurar o quanto desse período na universidade influenciou sua vida profissional, mas pode-se destacar que, de fato, assim como outros egressos da Faculdade de Direito, ele ocupou cargos políticos e de dirigente.

Marialva Barbosa analisa que o jornalismo servia para alavancar a carreira política desses personagens, algo similar pode ser observado na trajetória de Bocaiúva:

> [...] os que ocupam cargos de prestígio ou os que são redatores e repórteres nos jornais diários fazem, na maioria das vezes, da profissão patamar para alcançar posições políticas ou situações de estabilidade financeira, participando da burocracia estatal. Ser jornalista é, através do prestígio que o lugar confere e das relações pessoais que possibilita, 'cavar' um cargo público ou ingressar na política e na diplomacia (Barbosa, 2010, p. 141).

Foi a partir de 1870, com a publicação do Manifesto Republicano, que o envolvimento maior de Quintino Bocaiúva com a política começou. Ele participou da fundação do Partido Republicano, sendo um dos principais articuladores do movimento. Em 1889, na Proclamação da República, ele participou ativamente da transição do regime monárquico para republicano. Logo após a chegada do novo regime, ele assumiu o posto de ministro das relações exteriores, tendo a tarefa de negociar o reconhecimento diplomático do Brasil como República. Foi senador pelo Rio de Janeiro em três momentos diferentes e no congresso atuou em defesa das causas republicanas. Por fim, entre 1900 e 1903, foi presidente do estado do Rio de Janeiro (Lemos, 2015). Assim, Quintino Bocaiúva teve uma carreira política de fôlego.

Ademais, também é de se destacar sua ascensão social, de um rapaz que precisou parar os estudos por problemas financeiros, Bocaiúva se tornou um dos grandes nomes do século XIX, tendo sido influente para a chegada da República, o que culminou no seu apelido de "patriarca da República". Além da extensa carreira jornalística, foram tantos os jornais por onde passou, em diversas funções, que passou a ser chamado "príncipe do jornalismo". Ele teve êxito nos cargos que ocupou, porém essa ascensão foi impulsionada por um amigo, o qual será abordado no próximo capítulo.

Portanto, a partir da sua trajetória de escritor, jornalista e político, é possível notar uma correlação entre as atividades de Quintino Bocaiúva. Ele começou escrevendo artigos para o

jornal *O Acaiaba,* adquirindo seu primeiro contato com a mídia impressa. Ao mesmo tempo, explorava o teatro e publicava ensaios políticos, no periódico político *A Honra*, que fundou em 1853. Posteriormente, atuou em jornais como *O Globo* – os quais usou para promover seus ideais republicanos.

Bocaiúva não apenas escrevia, mas dirigia e administrava esses veículos, tendo a chance de formar a opinião pública, expor sua insatisfação com a Monarquia e o anseio para a transição à República, da qual foi um dos principais articuladores. Sua inserção na política culminou na nomeação como Ministro das Relações Exteriores e, mais tarde, Presidente do Estado do Rio de Janeiro. A imprensa, nesse contexto, foi mais do que um espaço de expressão, tornou-se também ferramenta para contribuir com a formação da opinião pública (Pessanha, 2006). Bocaiúva morreu no Rio de Janeiro, em 1912.

Os destaques biográficos feitos neste texto sobre Manoel Gomes de Oliveira, Salvador de Mendonça, Joaquim Dias da Rocha e Quintino Bocaiúva buscam estabelecer esses nomes como figuras que foram proprietárias d'*O Globo*. Embora para alguns deles seja difícil entender a intenção por trás dessa empreitada – por falta de informações biográficas –, para outros é possível observar a coerência com que a carreira deles funcionou, de forma a ascender socialmente através das letras, do jornalismo e até da política, como foi analisado por Marialva Barbosa. Além disso, é notável observar por meio dessas biografias a forma como os homens das letras do final século XIX e início do XX estão ligadas pelo jornais, pela literatura e pela política.

4. Crises, pausa e o fim

Estabelecida a relevância de Manoel Gomes de Oliveira como fundador e proprietário de *O Globo* e, depois de Quintino Bocaiúva como também proprietário do jornal, é necessário um esclarecimento acerca dos diferentes tipos de sociedade que formaram o periódico legalmente. Segundo Rodrigo Araujo (2015), a forma variada de se organizar legalmente um jornal impossibilita a nomeação de todos os proprietários dos periódicos do século XIX, uma vez que, dentre os sócios, poderiam estar dezenas de nomes (Araujo, p. 77), mas, pelo menos com *O Globo*, é possível destacar algumas das formas como se organizou e identificar alguns dos seus proprietários.

Assim, com base nas informações legais disponíveis sobre o jornal *O Globo*, destacarei as diferentes formas legais como o jornal se organizou e como essas funcionavam no século XIX. No jornal estas mudanças foram impulsionadas por períodos de crise que o jornal enfrentou, uma delas será detalhada neste capítulo. Serão discutidos também o período de atividade, a pausa, e os eventos que levaram ao seu encerramento.

Conforme abordado nos capítulos anteriores, *O Globo* foi fundado em agosto de 1874, vinculado à Agencia Americana Telegraphica, e como propriedade de Manoel Gomes de Oliveira (ver figura 8), em sociedade com Salvador de Mendonça e Joaquim Dias da Rocha. Araujo aponta que a primeira alteração na forma como a empresa se organizava ocorreu ainda nesse ano, pois o jornal se tornou independente da agência e passou a pertencer a uma sociedade em comandita sob a firma de Gomes de Oliveira & C.[21]

Figura 8 — Cabeçalho d'*O Globo* aponta que ele é propriedade de Gomes de Oliveira & C.

O GLOBO

Orgão da Agencia Americana Telegraphica, dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria

PROPRIEDADE DE GOMES DE OLIVEIRA & C.

Fonte: *O Globo*, 1874 [22]

Um dos fatores que impulsionaram essa mudança foi a chegada de concorrência internacional. Embora a Agencia Americana Telegraphica tenha sido a primeira agência de notícias brasileira, ela teve fôlego curto, pois logo chegaram no Brasil agências europeias mais experientes – a Havas (francesa) e a Reuters (inglesa). Como destacado por Pedro Aguiar

[21] Na edição nº117 de 1874 o jornal publica um artigo que relata o processo que o boletim da Agência Americana sofre. Nele é citada a "Sociedade comanditaria Gomes de Oliveira & C." da agência de notícias. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/369381/461

[22] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/11

(2018), essas duas agências eram líderes no mercado global e possuíam representantes nos cinco continentes, além disso, tinham controle sobre os cabos telegráficos de seus países, permitindo a oferta de serviços a preços subsidiados.

O mesmo não ocorreu com a AAT, que sem conseguir oferecer o serviço a que se propôs com um preço razoável, aumentou o preço das assinaturas do boletim e criou um esquema de capitalização para atrair assinantes (Araujo, 2015). O *Boletim da Agencia Americana Telegraphica*, uma publicação independente de *O Globo*, começou a ser divulgado em outubro de 1874 e oferecia aos assinantes, além de receber as folhas do boletim e do jornal, participação nos lucros líquidos e prêmios monetários.[23] Conforme divulgado no impresso: [24]

> O subscritor do Boletim pagará pela assinatura mensal de 20$, adiantados, porém fica associado à empresa, além de receber ambas as folhas, (o *Boletim* e *o Globo*) participará dos lucros líquidos da assinatura do Boletim, em 270:000$ em cotas proporcionais de 10:000$ cada uma, repartidas de 15 em 15 dias sob a forma de um prêmio uninominal. A distribuição dessas somas, diz ainda o mesmo programa, será impreterivelmente feita nos períodos marcados, conforme os anúncios que serão publicados previamente. No 12º mês a distribuição de uma só quantia de 50:000$000, só podendo concorrer a esta cota os que tiverem acompanhado a assinatura do Boletim desde o princípio; para os que não estiverem neste caso, a cota será de 20:000$000 (*O Globo*, Rio de Janeiro, 1874).

Essa prática levou a um processo judicial contra Manuel Gomes de Oliveira, Salvador de Mendonça e Joaquim Dias da Rocha. Em dia 23 de novembro de 1874, eles foram intimados a comparecer à delegacia para responder a um processo pela lei nº1.099, de 18 de setembro de 1860, que proibia loterias e rifas de qualquer espécie não autorizadas por lei, conferindo ao Governo a prerrogativa de conceder permissões para tais práticas. [25] Eles foram acusados de promover jogos de azar, uma vez que a assinatura do *Boletim da Agencia Americana Telegraphica* oferecia aos assinantes a chance de serem contemplados com prêmios em dinheiro, que seriam sorteados periodicamente (Araujo, 2015), algo considerado ilegal pelo Império.[26]

A defesa dos acusados, composta pelos doutores Joaquim Saldanha Marinho e Lafayette Rodrigues Pereira, argumentou que a assinatura não configurava jogo de azar e que o jornal possuía outros proprietários além dos três que estavam sendo acusados. Além disso, outros

[23] O anúncio pode ser lido na edição nº 69 de 1874 no jornal *O Globo*. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/266
[24] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/310
[25] A publicação original da lei está disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-1099-18-setembro-1860-556060-publicacaooriginal-75653-pl.html#:~:text=%C2%A7%201%C2%BA%20Ser%C3%A1%20reputada%20loteria,de%20beneficio%20dependente%20de%20sorte.
[26] O processo foi descrito na edição nº 117 de 1874 d'*O Globo*. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/369381/461

jornais, como *República* e *Correio do Brazil* haviam adotado práticas semelhantes sem sofrer sanções. Manuel Gomes de Oliveira, Salvador de Mendonça e Joaquim Dias da Rocha foram absolvidos em segunda instância e a condenação foi anulada pelo Tribunal da Relação da Corte (Aguiar, 2018; Araujo, 2015). Após o processo o jornal passou por uma crise, o que resultou na dissolução da sociedade Gomes de Oliveira & C. em 1875:

> Tendo-se dissolvido, por comum acordo, a sociedade em comandita Gomes de Oliveira & C., proprietário desta empresa, resolveram os mesmos sócios comanditários constituir, sobre novas bases, uma sociedade anônima sujeitando, como de direito, os seus estatutos à aprovação do governo imperial.
>
> Esta modificação no regime da empresa tipográfica e do jornal O Globo em nada alterar o programa até aqui seguido por esta mesma folha (O Globo, Rio de Janeiro, 1875). [27]

Assim, a partir de 1875 o cabeçalho d'*O Globo* sofre uma alteração (ver figura 9): o que antes era "propriedade de Manoel Gomes de Oliveira & Cia" foi substituído por "propriedade de uma associação anônima".

Figura 9 — Cabeçalho d'*O Globo* aponta que ele é propriedade de uma associação anônima.

O GLOBO

Orgão dos interesses do Commercio, da Lavoura e da Industria

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO ANONYMA

Anno 2.—N. 265 Rio de Janeiro, Terça-feira 28 de Setembro de 1875 Redacção, Ourives n. 51

Fonte: *O Globo*, 1875 [28]

Essa mudança foi apontada por Rodrigo Araujo, segundo o autor *O Globo* manteve a base de sócios comanditários e se constituiu "Sociedade Anônima Associação Tipográfica do Globo" (p. 74, 2015). Esse tipo de sociedade surgiu com a chegada do Código Comercial de 1850, segundo ele, ela só poderia se estabelecer por tempo determinado, a sua constituição exigia autorização do Governo, e, caso se fizesse necessário algum privilégio, a aprovação do Corpo Legislativo também era requerida. A sociedade deveria ser formalizada por meio de escritura pública ou por seus estatutos e pelo ato do Poder que a houvesse autorizado (Brasil, 1850, art. 295).

A lei nº 1.083, "Lei dos entraves", atualizou as leis sobre a sociedade anônima. A partir dela, as Companhias ou Sociedades Anônimas que se incorporassem ou funcionassem sem

[27] A dissolução da sociedade é divulgada na edição nº 178 de 1875 d'*O Globo*. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/369381/per369381_1875_00178.pdf

[28] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/1631

autorização concedida por Lei ou por Decreto do Poder Executivo pagariam multa. Segundo Gabriela Nery, todas as sociedades fundadas no Império deveriam submeter seus documentos à aprovação do Governo, mediante prévia audiência do Conselho de Estado. Essa lei buscava fiscalizar, centralizar e controlar as sociedades que surgiam no Brasil (p. 147, 2023).

É baseada nela que foi constituída a "Sociedade Anônima Associação Tipográfica do Globo", nesse caso, *O Globo* teve seus estatutos submetidos para aprovação ao governo imperial. A partir de documento disponível no Arquivo Nacional, Rodrigo Araujo escreve que a sociedade anônima de *O Globo* possuía um capital de "quinhentos contos de réis dividido em mil ações de quinhentos mil réis cada e, destes, duzentos contos sendo aproveitados da sociedade em comandita que se dissolvia para dar lugar a esta" (p. 74, 2015). Nas próprias páginas do impresso foram divulgados esses estatutos.[29]

Araujo destaca que o novo formato em que a empresa se organizou não foi suficiente para suprir a crise que passava, formando-se assim a sociedade comanditária em 25 de agosto de 1876, mas ressalta que no momento da pesquisa não foi possível saber quantos indivíduos compareceram e o capital que incorporaram na empresa. No contrato social anexo à esta monografia, Quintino Bocaiúva aparece no documento como sócio solidário e os demais, uma longa lista de nomes, como sócios comanditários.[30] Nesse contrato social é revelado que a sociedade comanditária tinha um capital de cento e vinte contos de réis, valor menor do que o anterior.

Em *O Globo*, na edição nº228, foi publicado um artigo comunicando a mudança pela qual passava o jornal.[31] Nele é anunciado que "novos capitães foram congregados para sua sustentação [de *O Globo*] e um novo período de existência lhe está assegurado pela dedicação, pelo esforço, e pelo patriotismo de vários cavalheiros" (*O Globo*, 1876).

Alguns dos nomes de destaque que estão entre os sócios comanditários, ou "novos capitães" como apareceu no jornal, são os de Visconde de São Salvador de Matosinhos (João José dos Reis) – dono de *O Paiz*, jornal que Quintino Bocaiúva participou da fundação e foi um dos colaboradores após o fim de *O Globo*. E Visconde de Taunay (Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay), membro-fundador da Academia Brasileira de Letras e autor de livros como *A retirada da laguna* (1871), *Mocidade de Trajano* (1871) e *Inocência* (1872). Usando

[29] Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/1791>
[30] Nos anexos deste trabalho é possível ler o nome de todos os sócios comanditários d'*O Globo*, tanto no documento transcrito quanto nas imagens originais do contrato social de 1876.
[31] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/369381/2907

pseudônimos, ele chegou a publicar alguns textos nos rodapés d*'O Globo*: *Ouro sobre azul* (1874), *Um dia de paixão* (1876) e *Cenas e tipos militares: a vingança de um recruta* (1876).

A partir do contrato social, verifica-se que, em 1876, o jornal tornou-se uma sociedade em comandita sob a firma de Quintino Bocayuva & C. A mudança só foi divulgada na edição de 25 de agosto, mas o contrato social foi assinado pelo escrivão no tabelião já em 16 de agosto.

Figura 10 — Cabeçalho d'*O Globo* aponta que ele é propriedade de uma associação.

Fonte: *O Globo*, 1876 [32]

Em seu artigo, "Assim como da guerra, o nervo da imprensa é também dinheiro", Gabriela Nery explica a diferença entre a sociedade comanditária e sociedade anônima. Segundo a autora, com base no Código Comercial de 1850, nas sociedade comanditárias, os sócios solidários eram os únicos que poderiam assumir a gerência no negócio e eram responsáveis exclusivos por ele. Já os sócios comanditários não poderiam praticar qualquer ato de gestão, eles eram apenas financiadores e recebiam lucros relativos às suas cotas. Eles também poderiam fiscalizar a atividade dos dirigentes. No caso de sociedade anônima, os acionistas majoritários podiam influir decisivamente na formação de conselhos e quadro de diretores, podendo até mesmo assumir esses cargos, mesmo que não tivessem experiência com jornalismo (Nery, 2023, p. 156).

Assim, considerando que em 1876 Quintino Bocaiúva era sócio solidário de *O Globo*, depreende-se que a direção do periódico era inteiramente sua, e aquela longa lista de sócios comanditários correspondia aos financiadores e fiscalizadores das suas atividades.

Mesmo com sua experiência e estando na direção do jornal, o "príncipe do jornalismo" não pode resolver as crises enfrentadas por eles, e, mais uma vez, houve a dissolução da sociedade em comandita. Tal modificação foi divulga nas folhas de *O Globo*.[33] Segundo Araujo, no comunicado Quintino Bocaiúva parecia estar à frente da nova propriedade:

> Aparentemente, Quintino Bocaiúva, por esta época seu diretor e principal redator, anunciava a nova mudança na empresa informando que estava à frente da nova propriedade: 'o Globo apoiava-se até aqui em uma associação. Apoia-se d'hoje em

[32] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/369381/2907
[33] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/369381/3824

> diante nos débeis ombros de uma individualidade, fraca, desprotegida, isolada' (Araujo, 2015, p. 75).

O contrato social de 1876 já apontava que Quintino Bocaiúva estava à frente do jornal desde aquele ano como proprietário, e não apenas como diretor e redator. Portanto, a nova mudança poderia indicar a dissolução da sociedade comanditária, a mudança no quadro de sócios e na forma legal como *O Globo* se organizava, mas não sobre a direção dele. Também não é possível saber que tipo de organização legal o jornal formou em 1877. O que o texto assinado por Bocaiúva sugere é que essa se apoiava apenas na figura nele, e não mais em uma sociedade.

Figura 11 — Cabeçalho d'*O Globo* deixa de partilhar no cabeçalho a questão da sociedade do jornal.

Anno IV Sexta-feira, 20 de Abril de 1877

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
CORTE E NICTHEROY
De hoje até o fim do anno..... 10$000
Numero avulso 40 rs.

O GLOBO

CONDIÇÕES DA ASSIGN
PARA AS PROVINC
De hoje até o fim do anno....
Numero avulso

ORGÃO DOS INTERESSES DO COMMERCIO, DA LAVOURA E DA INDUSTRIA

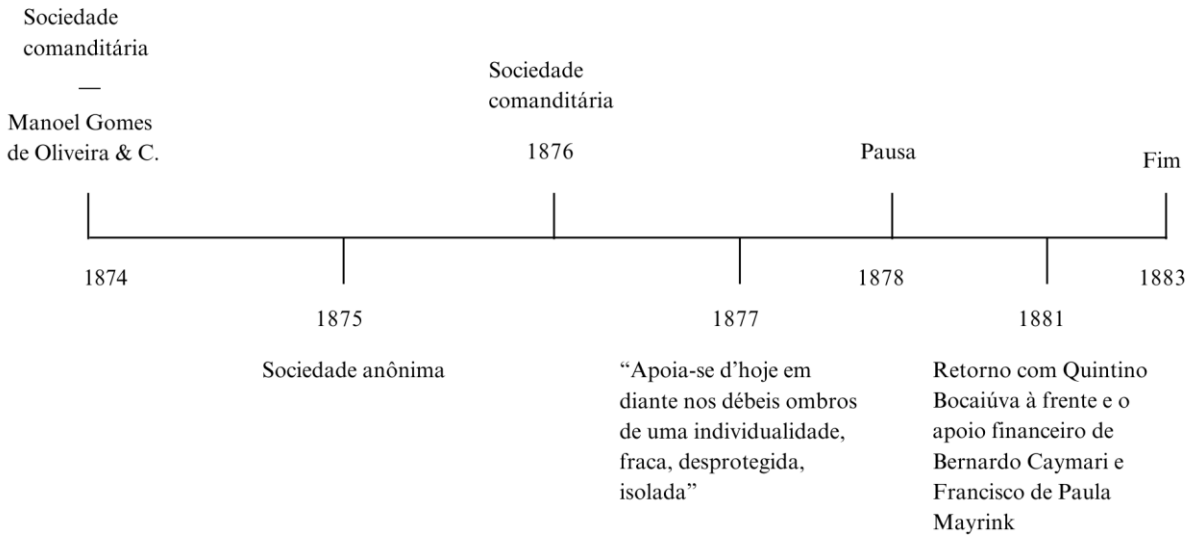
COMPLETA NEUTRALIDADE NA LUTA DOS PARTIDOS POLITICOS — Rio de Janeiro — ESCRIPTORIO E REDACÇÃO — RUA DO OUVID

Fonte: *O Globo*, 1877 [34]

Em 1878 o jornal teve um período de pausa, que durou até 1881, ano em que ele retornou com apoio financeiro de Bernardo Caymari e Francisco de Paula Mayrink. Rodrigo Araujo escreve sobre como a motivação por trás do investimento dos dois estava ligada à amizade que tinham com Quintino Bocaiúva (p. 87, 2015).

[34] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/369381/3824

Figura 12 — Linha do tempo das formas legais como *O Globo* se organizou



Fonte: elaboração própria

A relação de Caymari com Bocaiúva, por exemplo, é anterior ao investimento em *O Globo*, em 1866 os dois fundaram a Sociedade Imperial de Imigração; em 1867, Bocaiúva readquiriu o controle do *Diário do Rio de Janeiro* com o apoio financeiro de Caymari e, em 1872, ainda com o apoio dele, pode adquirir e custear *A República*. Ele ajudou financeiramente Bocaiúva até a sua morte (Lemos, 2015).

Já Francisco de Paula Mayrink foi uma grande financista da sua época, atuou na política, foi diretor de diversas empresas, entre elas o Banco Comercial do Rio de Janeiro, e grande empresário, atuando principalmente no ramo bancário e de transportes. Após o seu investimento n'*O Globo*, ainda colaborou financeiramente com outro empreendimento jornalístico de Bocaiúva, o jornal *O Paiz* (Araujo, 2015).

Rodrigo Araujo destaca que o investimento deles foi essencial para a existência de *O Globo*, uma vez que após a saída de Bernardo Caymari do Rio de Janeiro em 1883, para tratar de negócios no Pará, o impresso encerrou as suas publicações (p. 87, 2015). Sua mudança é noticiada na edição nº 432 de 1883 em *O Globo*[35]:

> No paquete Pernambuco seguiu ontem para a província do Pará o nosso amigo Sr. Bernardo Caymari, levando em sua companhia o pessoal técnico da estrada de ferro de Bragança, cujas obras vai inaugurar.

[35] Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/369381/6612>.

> Se o Sr. Bernado Caymari carecesse de alguma prova do quanto é estimado, tê-la-ia ontem por ocasião da sua partida.
>
> Grande número de amigos [...] acompanharam-no a bordo, onde se despediram dele, desejando-lhe um *toast*, que lhe foi feito pelo nosso chefe Sr. Quintino Bocaiúva, feliz viagem e promptoso regresso.
>
> São esses também os votos que fazemos (*O Globo*, Rio de Janeiro, 1883).

Após a sua mudança, as páginas de *O Globo* continuaram a ser publicadas no Rio de Janeiro por pouco tempo, a última edição disponível na Hemeroteca é a do dia 23 de março de 1883. E assim o jornal que surgiu vinculado à primeira agência de notícias brasileira, fundado por um banqueiro e gerido pelo "príncipe do jornalismo", chegou ao seu fim. *O Globo* foi encerrado após o fim dos investimentos de um capitalista, demonstrando que o universo das letras também é redigo pelo capital.

5. Textos publicados no rodapé d'*O Globo* entre 1874 e 1883

Com a forte presença da literatura no jornal, organizou-se neste trabalho uma tabela que relaciona os textos publicados na seção de folhetim d'*O Globo*. Ao todo, foram inseridos 733 títulos na tabela, considerando, contudo, que alguns deles se repetem, seja por terem sido publicados em partes — como *O Guarani*, que foi dividido em quatro seções —, seja por constituírem colunas fixas semanais, como *Chronica politica* e *Correio de Paris*.

A partir dessa organização, observa-se que a literatura esteve presente no impresso desde o primeiro até o último ano de circulação d'*O Globo*. O gênero dos textos publicados no folhetim variava entre romances, novelas, crônicas e críticas literárias. Os romances e novelas, por sua natureza extensa, ocupavam por longos períodos o rodapé do jornal, permanecendo por meses em sequência. Um exemplo é *Flamarande*, de George Sand, cuja publicação se iniciou em setembro de 1875 e se estendeu até janeiro do ano seguinte. Destaca-se, ainda, o fato de a obra ser de autoria de George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, uma mulher que, em meio a uma produção predominantemente masculina, pode ocupar um espaço significativo nas páginas do jornal.

Por outro lado, as crônicas e críticas, geralmente de menor extensão, eram encerradas em uma única edição, mas, por vezes, garantiam espaço regular no periódico, como no caso da coluna *Aos domingos*, de Joaquim Nabuco, que aparecia semanalmente. O embate entre Joaquim Nabuco e José de Alencar, citado em *História do impresso no Brasil*, por Nelson Sodré (1999, p. 224), também se destaca na tabela. Insatisfeito com as críticas de Nabuco à sua obra, Alencar passa a respondê-lo nas páginas de *O Globo*. O famoso romancista é bastante irônico ao utilizar o título *Às quintas* nos seus textos-respostas, fazendo referência à lacuna de Nabuco nomeada *Aos domingos*. A partir dessa tabela, visualiza-se com facilidade o quanto perdurou essa discussão no impresso, desde 3 de outubro até 21 de novembro de 1875.

Também se destaca no jornal a forte presença da literatura francesa, uma vez que grande parte dos romances e novelas eram traduções do francês. Embora os autores brasileiros fossem maioria nos textos publicados, eram os franceses que publicavam longos romances, ocupando, assim, o lugar de maior prestígio na produção literária, enquanto os brasileiros se encarregavam dos textos cotidianos, políticos e críticos.

Apenas Machado de Assis tem o feito de publicar dois romances no jornal enquanto autor brasileiro: *A mão e a Luva*, em 1874, e *Helena*, em 1876. No artigo "Machado de Assis, um editor e seus embates: de *Helena* (1876) a *Papéis avulsos* (1882)", Lúcia Granja propõe que

o romance foi encomendado pelo então diretor do jornal, Quintino Bocaiúva, para Machado de Assis, com o intuito de alavancar as vendas d'*O Globo* (p. 7, 2024). Para isso, o autor teria buscado recursos para tornar o texto mais atrativo ao público, o que explicaria sua dinamicidade e reviravoltas (Granja, p. 7, 2024).

Assim, em futuras pesquisas seria proveitoso utilizar essa organização para analisar as estratégias utilizadas pela sua direção para superar as crises d'*O Globo*. Como no exemplo do artigo de Lúcia Granja, fazendo alterações editoriais – valendo-se dos textos que eram publicados no seu rodapé –, até mudanças na sua organização legal, conforme vistas as diversas sociedades que foram formadas no decorrer dos anos em que o jornal esteve ativo.

6. Conclusão

Entre os muitos jornais que surgiram no final do século XIX, este trabalho destacou a importância d'*O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria* (1874-1883) no período.

O estudo partiu do interesse pela figura de Manoel Gomes de Oliveira, banqueiro fundador do jornal. Embora não tenham sido feitas novas descobertas significativas sobre sua trajetória, a partir desta pesquisa outros aspectos do jornal foram esclarecidos, como a propriedade de Quintino Bocaiúva sobre *O Globo*.

No desenvolvimento da pesquisa revelou-se que há poucas obras dedicadas exclusivamente a *O Globo*. Quando mencionado, o jornal é frequentemente tratado como um elemento secundário e vinculado a temáticas mais amplas ou de forma superficial e ambígua.

Sendo *O Globo* vinculado à primeira agência de notícias do Brasil, e um dos primeiros jornais a publicar telegramas vindos do estrangeiro, o segundo capítulo desta monografia reforçou essa conexão entre o jornal e a chegada da telegrafia no país. Nesse contexto, a Agencia Americana Telegraphica, também fundada por Manoel Gomes de Oliveira, foi inovadora e proporcionou ao país a chegada de novas tecnologias que contribuíram para a comunicação.

Infelizmente, a AAT enfrentou grande concorrência com a chegada de agências estrangeiras, a Havas e a Reuters, mas é incontestável o seu pioneirismo. Como escreveu Aguiar (2018), "a marca do pioneirismo da Agencia Americana Telegraphica, de Manoel Gomes de Oliveira, é indelével na história da imprensa brasileira e latino-americana".

No terceiro capítulo, foi aprofundada a questão da propriedade do jornal. Por diversas vezes atribuída apenas ao Quintino Bocaiúva. O trabalho mostrou que Manoel Gomes de Oliveira foi o fundador e primeiro proprietário, embora sua memória tenha sido apagada devido a grandiosidade de Bocaiúva, o "príncipe do jornalismo".

A atuação de Bocaiúva no periódico é reconhecida pela bibliografia, porém este trabalho aponta que além de redator e diretor, ele também foi proprietário do periódico, com base no contrato social do jornal de 1876. O documento descoberto por Lúcia Granja foi transcrito e anexado ao final deste trabalho. Por meio dele, é possível identificar o valor investido no jornal, a forma como a sociedade se organizou naquele ano e os homens que estavam por trás d'*O Globo* como sócios.

O contrato social adiciona novas informações tanto sobre a história d'*O Globo* quanto à biografia de Quintino Bocaiúva. No capítulo também foram destacados outros sócios que passaram pelo jornal e foram figuras importantes no fim do século XIX, discutindo a figura do "homem das letras" do período e os seus entrelaçamentos na vida literária, jornalística e política.

Por fim, o último capítulo organizou os textos publicados como folhetins no jornal. Para isso foram consultadas todas as folhas de *O Globo* entre o período de 1874 e 1883, reunindo títulos, autores e período de publicação desses textos. Essa catalogação busca entender o papel da literatura nesse jornal e facilitar futuras pesquisas sobre a produção literária e jornalística que o compõem.

A escassez de estudos focados no periódico evidencia um vasto campo de investigação. Análises mais detalhadas sobre seu conteúdo e sobre suas mudanças editoriais ao longo dos anos podem desenvolver a história de *O Globo*.

Uma análise concomitante sobre o efeito dessas mudanças relacionada às diferentes formas legais como o jornal foi se organizando também seria um objeto de estudo pertinente para os estudos sobre *O Globo*.

No âmbito literário, seria relevante examinar os folhetins publicados nos rodapés do jornal, sua origem, impacto na literatura e nas vendas do periódico. Além disso, os papéis desempenhados pelos proprietários e sócios d'*O Globo*, podem ser explorados em relação às conexões entre jornalismo, literatura e política.

Assim, grandes estudos ainda podem ser produzidos sobre o jornal. Este trabalho, porém, constitui uma breve história sobre *O Globo*, contribuindo para estudos sobre o jornal e o seu impacto histórico, literário e cultural no Brasil do século XIX.

Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Salvador de Mendonça:** biografia. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/salvador-de-mendonca/biografia. Acesso em: nov. 2024.

AGUIAR, Pedro. **Agencia Americana Telegraphica, a primeira agência de notícias do Brasil e da América Latina**. Blog Agências de Notícias, 1 jun. 2018. Disponível em: <https://agenciasdenoticiasblog.wordpress.com/2018/06/01/agencia-americana-telegraphica-a-primeira-agencia-de-noticias-do-brasil-e-da-america-latina/>. Acesso em: fev. 2024.

Almanak Laemmert Adiministrativo, Mercantil. Disponível em http://memoria.bn.gov.br/docreader/313394x/36667. Acesso em: out. 2024.

ARAUJO, Rodrigo Cardoso Soares de. **Caminhos na produção da notícia**: a imprensa diária no Rio de Janeiro (1875-1891). 2015. 272 f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: < http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13033>. Acesso em: out. 2024.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa:** Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BEZERRA, Valéria Cristina. Salvador de Mendonça: um polígrafo entre as letras nacionais e estrangeiras. **Revista Soletras**, n. 34, p. 32-45, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/30171>. Acesso em: nov. 2024.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. 405 p., v. 6. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008355&bbm/5451#page/6/mode/1up>. Acesso em jun. 2024.

CAMPOS, Elion de Souza. A aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos da América na obra de Salvador de Mendonça (1870-1913). *In*: **Encontro Regional de História**, 2016, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPUH-Rio, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1471206893_ARQUIVO_Elionde SouzaCampos.pdf. Acesso em: nov. 2024.

COSTA DA SILVA, Mauro. **A telegrafia elétrica estatal no Brasil de 1852 - 1914**. 2008. 241 f. Tese (Doutorado) – Curso de Química, História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000709260&local_base=UFR01>. Acesso em: jun. 2024.

COSTA DA SILVA, Mauro. A telegrafia elétrica no Brasil Império – ciência e política na expansão da comunicação. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 49-65, jan-jun. 2011. Disponível em: <https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=21>. Acesso em: jun. 2024.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis, um editor e seus embates: de *Helena* (1876) a *Papéis avulsos* (1882). **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 26, 2024, no prelo.

IMPÉRIO. Lei nº 1.083, de 22 de agosto de 1860. Contendo providencias sobre os Bancos de emissão, meio circulante e diversas Companhias e Sociedade. [S. l.], 1860. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim1083.htm. Acesso em: nov. 2024.

IMPÉRIO. **Lei nº 1.099, de 18 de setembro de 1860**. Prohibe as loterias e rifas de qualquer especie, não autorisadas por Lei, e dá faculdade ao Governo para conceder loterias. [S. l.], 1860. Disponível em: https://www.camara.leg.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/leis1860/pdf4.pdf#page=13. Acesso em: nov. 2024.

LEMOS, Renato. "BOCAIÚVA, Quintino". *In:* ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

MENEZES, Lená Medeiros de. Civilização x barbárie: mito de combate. *In*: Neves, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. **História e imprensa:** representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

MOLINA, Matías M. **História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 2015.

NERY, Gabriela. "Assim como da guerra, o nervo da imprensa é também dinheiro": jornalismo e negócio na imprensa diária carioca (1870-1900). **História Social**, Campinas, n. 26, p. 139-180, 2023. DOI: 10.53000/hs.v18i26.5187. Disponível em: https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/5187. Acesso em: nov. 2024.

QUADROS, J. M. Telegrafia e modernização da imprensa nas crônicas de Machado de Assis. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 756-775, 2014. DOI: 10.15448/1980-3729.2013.3.14249. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14249>. ma

SALDANHA, Joaquim Marinho *et al*. Manifesto Republicano. *In*: BRASILIENSE, Américo. **Os programas dos partidos e o 2. imperio**. São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1878. p. 59-88. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/179482. Acesso em: nov. 2024.

SALVAIA, Priscila. Das páginas efêmeras da imprensa à posteridade dos livros: a Bibliotheca do jornal fluminense O Globo (1874 - 1875), de Quintino Bocaiúva. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 159–181, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/41080>. Acesso em: out. 2023

SALVAIA, Priscila. **Diálogos possíveis:** o folhetim *Helena (*1876), de Machado de Assis, no jornal *O Globo*. 2014. 166 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2014. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/931456. Acesso em: nov. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

PESSANHA, Andrea Santos da Silva. ***O Paiz* e a *Gazeta Nacional*:** Imprensa republicana e abolição. 2006. 310 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_PESSANHA_Andrea_Santos_da_Silva-S.pdf. Acesso em: nov. 2024.

O GLOBO: orgão da Agencia Americana Telegraphica, dedicado aos interesses do commercio, da lavoura e da industria. Rio de Janeiro: Typ. do Globo, 1874-1883. Diária. Disponível em: http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/globo/369381. Acesso em: nov. 2024.

OLIVEIRA, Manoel Gomes de. **Burgos agrícolas**. Rio de Janeiro: Typ. Lith. e Encadernação a Vapor Laemmert & C., 1886. 58 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/222306. Acesso em: nov. 2024.

Anexos

Contrato social do jornal *O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria*l. *Livro 60* da Junta Comercial, registro 16.903, páginas 18-25. Rio de Janeiro, 1876.

Pública Forma

Nós abaixo assinados residentes destes nesta Corte, temos resolvido, de comum acordo, estabelecer uma sociedade em comandita mediante as cláusulas e condições seguintes:

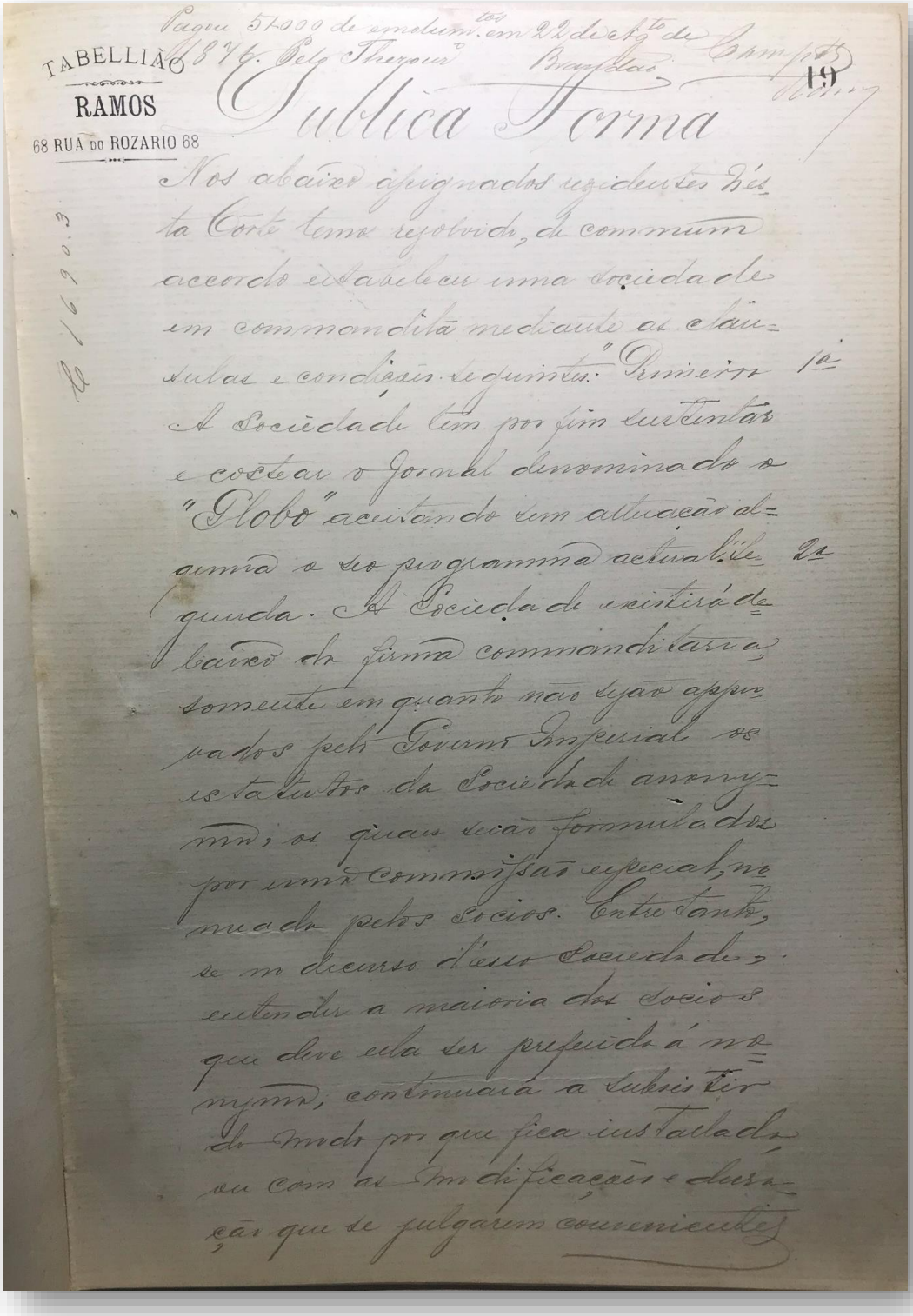
Primeira. A sociedade tem por fim sustentar e custear o jornal denominado o "Globo" aceitando sem alteração alguma o seu programa atual. Segunda. A sociedade existirá debaixo de forma comanditária, somente, enquanto não sejam aprovados pelo Governo Imperial os estatutos da Sociedade anônima, os quais serão formulados por uma comissão especial, nomeada pelos sócios. Entretanto, se em decurso dessa sociedade, entender a maioria dos sócios que deve ela ser preferida anônima, continuará a subsistir do modo por que fica instalada ou com as modificações e duração que se julgarem convenientes, conforme for deliberado. Terceira. O Capital social será de cento e vinte contos de réis representado não por digo, não só por todo material das oficinas do estabelecimento em que funciona a empresa do referida jornal no valor de trinta contos (pago com seis contos em dinheiro e em fundos comanditários de cem mil réis cada um até a concorrência de vinte e quatro contos) como também pela quantia de noventa contos em moeda corrente, que deverá ser recolhida ao Banco do Brasil. Quarta. Da mencionada importância de noventa contos depositada no Banco do Brasil, não poderá ser retirada quantia alguma sem autorização e visto da comissão fiscal, de que trata a cláusula em seguida. Quinta. Fica organizada uma comissão fiscal, que, provisoriamente e até que haja nomeação de alguém. A família Real, (sic) terá a faculdade de exercer a necessária fiscalização e tomar parte nas deliberações da Sociedade, e será composta dos Senhores Diretores Bento Pinto Ribeiro Pereira de Sampaio e João Ribeiro de Almeida e do Comendador Eusébio José Antunes. Sexta. A sociedade se considerará constituída e começará a desempenhar o fim a que se propõe, logo que conte subscrita a quantia de sessenta e seis contos. Sétima. Constitui-se sócio solidariamente responsável desta sociedade o Senhor Quintino Bocaiúva e obriga-se a não despender mais do que a importância de treze contos mensais, enquanto a tiragem do dita jornal não exceder da atual, que é de quatro mil números, e a receber, em caso de aumento desse número, somente a despesa do acréscimo do papel e tinta. Todos os demais sócios serão simplesmente comanditários. Oitava. Adotar a firma social de Quintino Bocaiúva e Companhia, e dela usará

o sócio solidário. Nona. A assinatura deste contrato, sujeita os sócios a entrarem com a cota subscrita para o Banco do Brasil, logo depois do registro do respectivo instrumento no Tribunal do Comércio. Décima. Dos lucros líquidos da sociedade, será destinada uma parte (metade) para dividendo aos acionistas, e a outra parte dividido em quatro para o sócio solidário e o restante em partes iguais, para as despesas com a deterioração e estrago do material e para a comissão fiscal permanente. Décima primeira. No caso de falta eminente de qualquer dos sócios comanditários, permanecerá a sociedade entre os sócios sobreviventes e herdeiros do sócio falecido, sendo que na hipótese de quererem estes transferir a cota que lhes for pertencente em conformidade do último balanço, será preferida a sociedade em qualquer dos sócios. Décima segunda. A sociedade não poderá ser dissolvida senão no caso de perda de mais de metade do capital realizado. E por nos acharmos juntos e contratados, assinamos o presente contrato social que tem de ser registrado No tribunal do Comércio para completo e inteiro vigor. Rio de Janeiro trinta e um de junho de mil oitocentos e setenta e seis. Quintino Bocayuva, sócio solidário, brasileiro, residente ao Largo dos Leões número cento e oitenta; Bento Pinto Ribeiro Pereira de Sampaio, brasileiro, Rua do Bispo vinte e dois, dois contos de réis; Doutor João Ribeiro de Almeida, brasileiro, R. Marques de Abrante sessenta e seis, um conto de réis; Doutor José Antonio de Souza Gomes, brasileiro, R. do Bispo número vinte e três, três contos de réis; Doutor Silviano José de Almeida, brasileiro, R. do Niassa, quinze Sam Christovam um conto de réis; Alexandre Vagner General Câmara sessenta e quatro, (ilegível), dois contos de réis; A (ilegível), brasileiro, Alfândega, sessenta e cinco, dois contos de réis; Luiz Antonio Martins, brasileiro, Alfândega, cinquenta, um conto de réis. V.de S. Salvador de Matosinhos, português, Primeiro de Março, sessenta, um conto de réis; Barão de Andaraí, brasileiro, Hospício número vinte cinco, um conto de réis; Jose M. Dimas, argentino, Quitanda cento e dezessete quinhentos mil réis; P. Gracie, brasileiro, primeiro de março, quarenta e sete, quinhentos mil réis; Antonio J. Lage Filho, brasileiro, setenta e cinco, primeiro de Março, dois contos de réis; Francisco Ignacio de Araujo Ferraz, brasileiro, Municipal cento e quatorse, digo, Municipal catorze, quinhentos mil réis; Por P. Friburgo e filhos Agostinho Maria Gomes de Sá, brasileiro, Municipal dezesseis, um conto de réis; Diogo Duarte Silva, brasileiro, visconde do Rio Branco cinquenta e um quinhentos mil réis; Visconde de Tocantins, brasileiro, Sam Christovão, número noventa e cinco, um conto de réis; Roberto Grey, brasileiro, Rua do Hospício, sessenta e dois, quinhentos mil réis; José Machado Coelho, brasileiro, Rua de São Pedro, número trinta e nove, três contos de réis; Estevão José da Silva, brasileiro, São Domingos, quinhentos mil réis; Caetano Furquim de Almeida, brasileiro, Beneditino vinte e oito, um conto de réis; Barão de Mesquita, brasileiro, Vde. Inhaúma, dez, um conto de réis; Moreira (e cruzado) Faria, brasileiro,

R. Mercado vinte e nove, quinhentos mil réis; Doutor Manoel Rodrigues Monteiro de Azevedo, brasileiro, Carmo, cinquenta e nove, quinhentos mil réis; F. A. V. Bueno, brasileiro, (ilegível) Alexandre, número quarenta, um conto de réis; João Antonio da Costa Carvalho, brasileiro, Hospício, quarenta, um conto de réis; Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello, brasileiro, Catete, cento e cinquenta e nove, um conto de réis; João José Vicente Tourinho (ilegível), brasileiro, Quitanda cento e sessenta e nove, três contos de réis; Pertence, brasileiro, vinte e um P. do M. de Caxias, quinhentos mil réis; Doutor João Vicente Torres Homem, brasileiro, primeiro de Março cinquenta e sete, quinhentos mil réis; F. G. de Oliveira Roxo, brasileiro, dez Beneditino, um conto de réis; P. P. de Romualdo José Monteiro de Barros, brasileiro, F. Gd. Oliveira Roxo, dez Beneditino; um conto de réis; Doutor Pires Ferreira, brasileiro, Trinta e nove Quitanda quinhentos mil réis; Antonio Gonçalves Melo dos Santos, brasileiro, Municipal, dez, um conto de réis; Doutor Aleixo Cesar Borges, brasileiro, Rua Guanabara sessenta e um, dois contos de réis; C. Antonio de França Carvalho, brasileiro, Rua do Rosário quarenta e um, um conto de réis; Gonsalves Roque e Companhia, português, Pescadores cinquenta, um conto de réis; Bernardim d'Avila e Souza, português, Pescadores cinquenta, quinhentos mil réis; A. H. Lengruber, brasileiro, São Pedro, número um quinhentos mil réis; Antonio Nunes Pires, brasileiro, Gamleão doze, um conto de réis; Barão Lagôa, portugues, Primeiro de Março, vinte e um, quinhentos mil réis; A. A Monteiro de Barros, brasileiro, dez Beneditino, quinhentos mil réis, Barão de Guapi, brasileiro, dez Beneditino, quinhentos mil réis; Francisco Leite Ribeiro Guimarães, brasileiro, Rua Municipal 20, um conto de réis; João Francisco Diogo, brasileiro, praça Duque de Caxias vinte e sete, um conto de réis; Euzébio José Antunes, brasileiro, rua do Marques de Olinda dois três contos de réis; Francisco de Figueiredo, brasileiro, rua da Princesa do Catete número quatro contos de réis; A L da Cunha Bahiana, por F de Figueiredo, brasileiro em europa, dez contos de réis; Bs Barcelos, brasileiro, rua d'Alfândega, sessenta e três, quinhentos mil réis; p. D A d E Taunay, brasileiro, Santa Catharina, um conto de réis digo Santa Catharina (ilegível) um conto de réis; Deutsch Brasilianische Bank alemã (ilegível) - Alfândega sessenta e cinco, quatro contos e quinhentos e sessenta e um mil e cem réis, A Klingerlnefer brasileiro, Alfândega sessenta e cinco, oitocentos e oito mil seiscentos e setenta réis, assumo a mim a responsabilidade em relação a Rio de Janeiro Geis Company Limited. Sam H Alman Gongles rua da Quintanda cento e quarenta e sete cento e oitenta e oito mil e noventa réis; Hartirrig (ilegível]) e Companhia alemão, rua d'Alfândega número dez, um conto quatrocentos e oitenta e sete mil seiscentos e oitenta réis; Alexandre Vagner como representante de G F Voigner (ilegível) rua da General Camara sessenta e quatro seiscentos e dez mil trezentos e vinte réis; P. P L Laureys Chns A

Raynsford, belga, setecentos e quinze mil seiscentos e oitenta réis; pp. de Vs (ilegível), português, (ilegível) Lisboa, André Domingues Santos, um conto trezentos e oitenta e um mil oitocentos e quarenta réis; Suig Thiery, francês, rua d'Alfandega um, (ilegível) Barão Reuter trezentos e sessenta e seis mil cento e noventa e dois réis; Francisco de Paula Santos, brasileiro, R do Vd Inhauma número quatorze (um conto) um conto de réis; Antonio Carlos Teixeira Leite, brasileiro, R Municipal número (ilegível) um conto de réis, (ilegível) A Auleir trè Franceses, R d'Apem setenta e cinco, um conto quatrocentos e cinquenta e nove réis; L M Alerusch Beuchourx- francês na Europa, duzentos e onze mil seiscentos e dezesseis réis; Barleir Z Leugricbes, francês, brasileiro, rua do Hospício cento e cinquenta e seis sete contos e noventa e três mil trezentos e onze réis; Doutor João Ribeira de Almeida, brasileiro rua do Marques de Abrantes sessenta e seis pelo Senhor Francisco de Figueiredo oito contos novecentos e dez mil duzentos e vinte e três réis; Número cinco cento e vinte mil réis Bg./Pg (ilegível) cento e vinte mil réis de selo correspondente a cento e vinte contos de Réis Recebido via doze de Agosto de mil oitocentos e setenta e seis A Valente (ilegível) Reconhece as assinaturas supra e retro. Rio doze de Agosto de Mil oitocentos e setenta e seis, em testemunhas de verdade estava o sinal público Francisco Pereira Ramos. Nada mais se continha nem declaração ou documento que me foi apresentado e pedido em pública forma de cujo original fielmente fez extrair a presente a pública forma que eu fui conferi subescrivão e assino em público e razão nesta Corte aos dezesseis de agosto de mil oitocentos e setenta e seis. Eu Francisco Pereira Ramos, tabelião que (ilegível) (ilegível) em público e (ilegível).

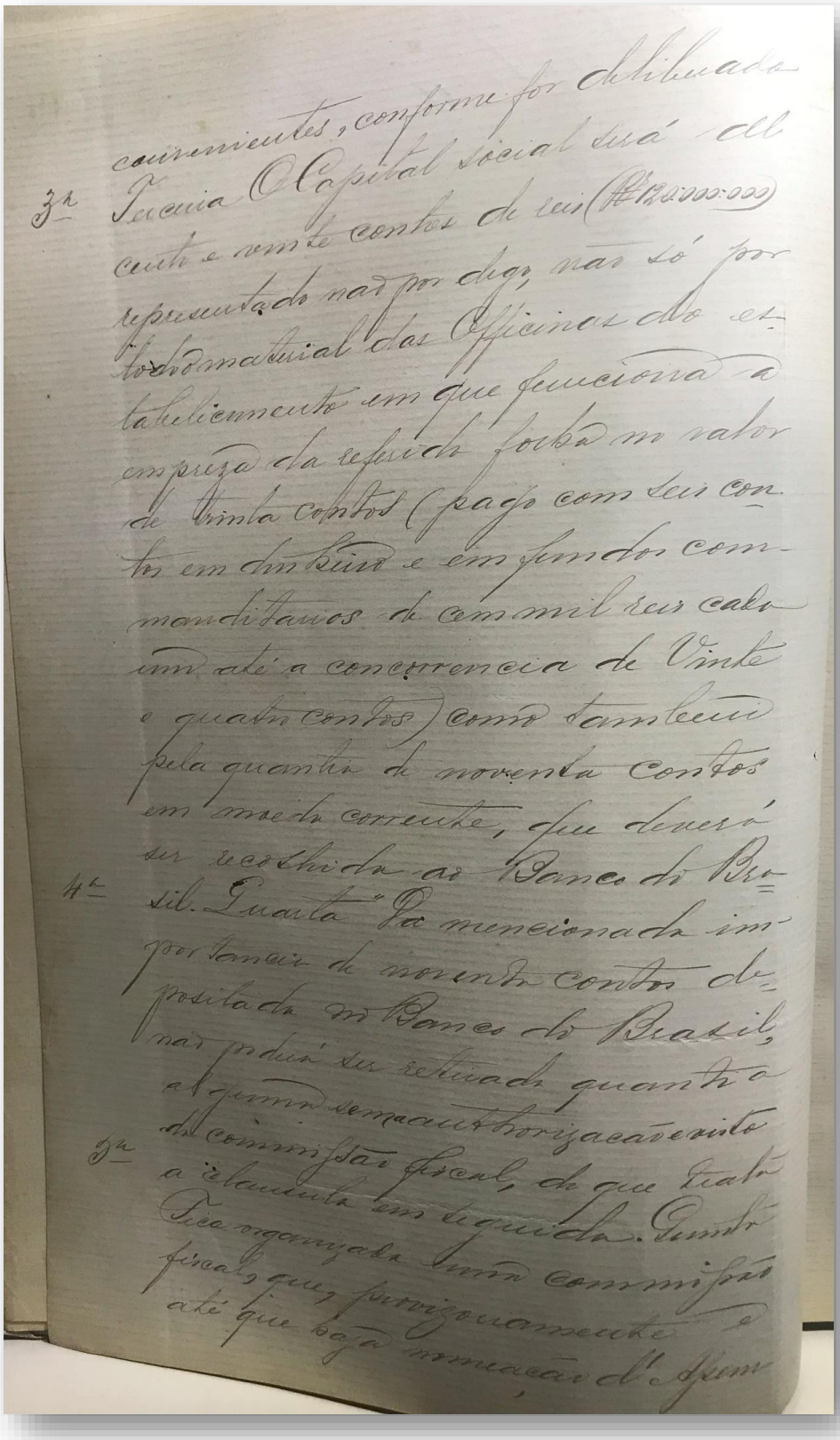
Figura 13 — Contrato social, página 19.



Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.[36]

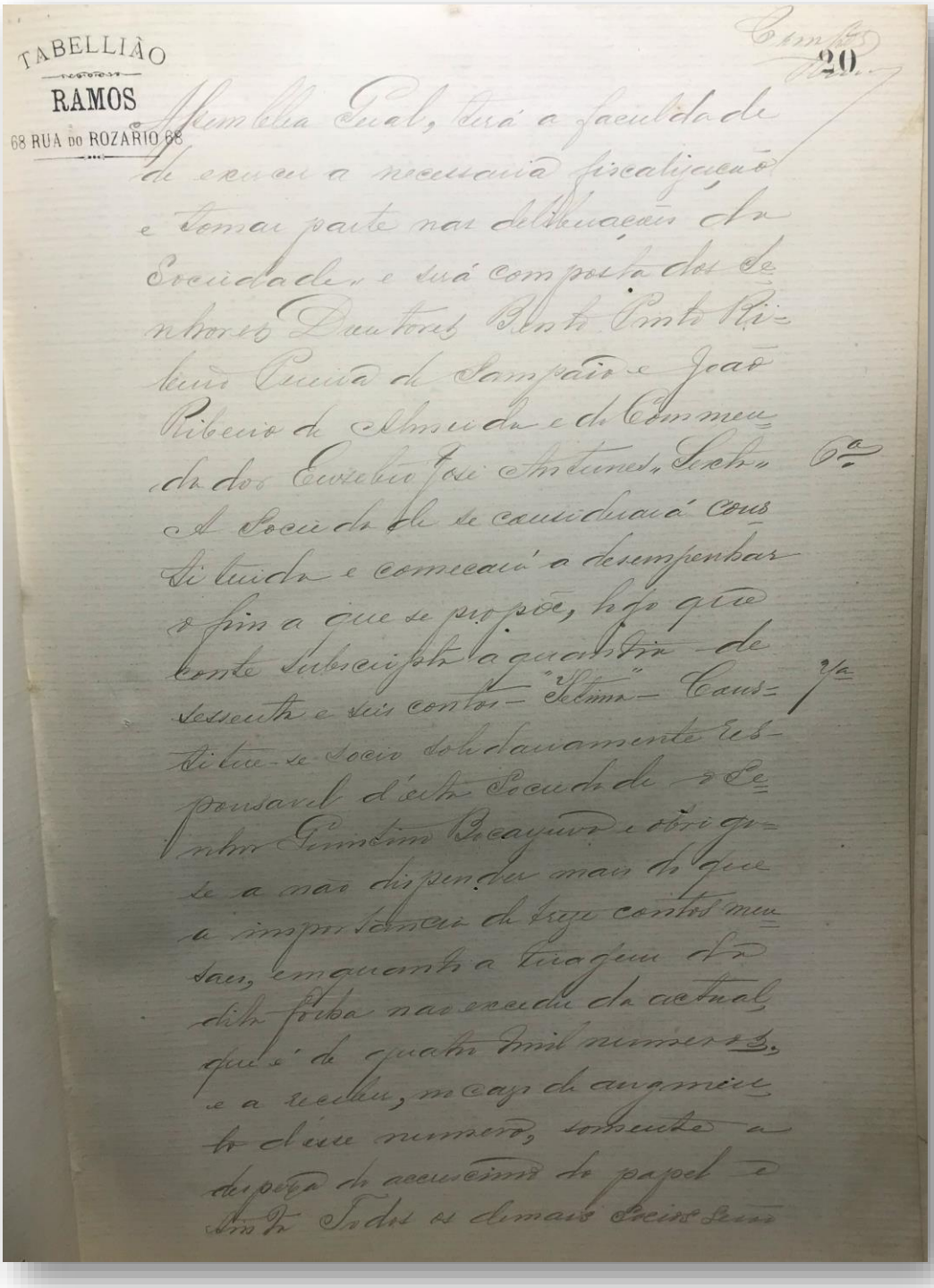
[36] O documento foi encontrado por Lúcia Granja, na pesquisa que esta fez no Arquivo Nacional, com recursos do Projeto FAPESP "Machado de Assis: páginas escritas e papeis editoriais", Processo: 20/03648-5.

Figura 14 — Contrato social, verso da página 19.



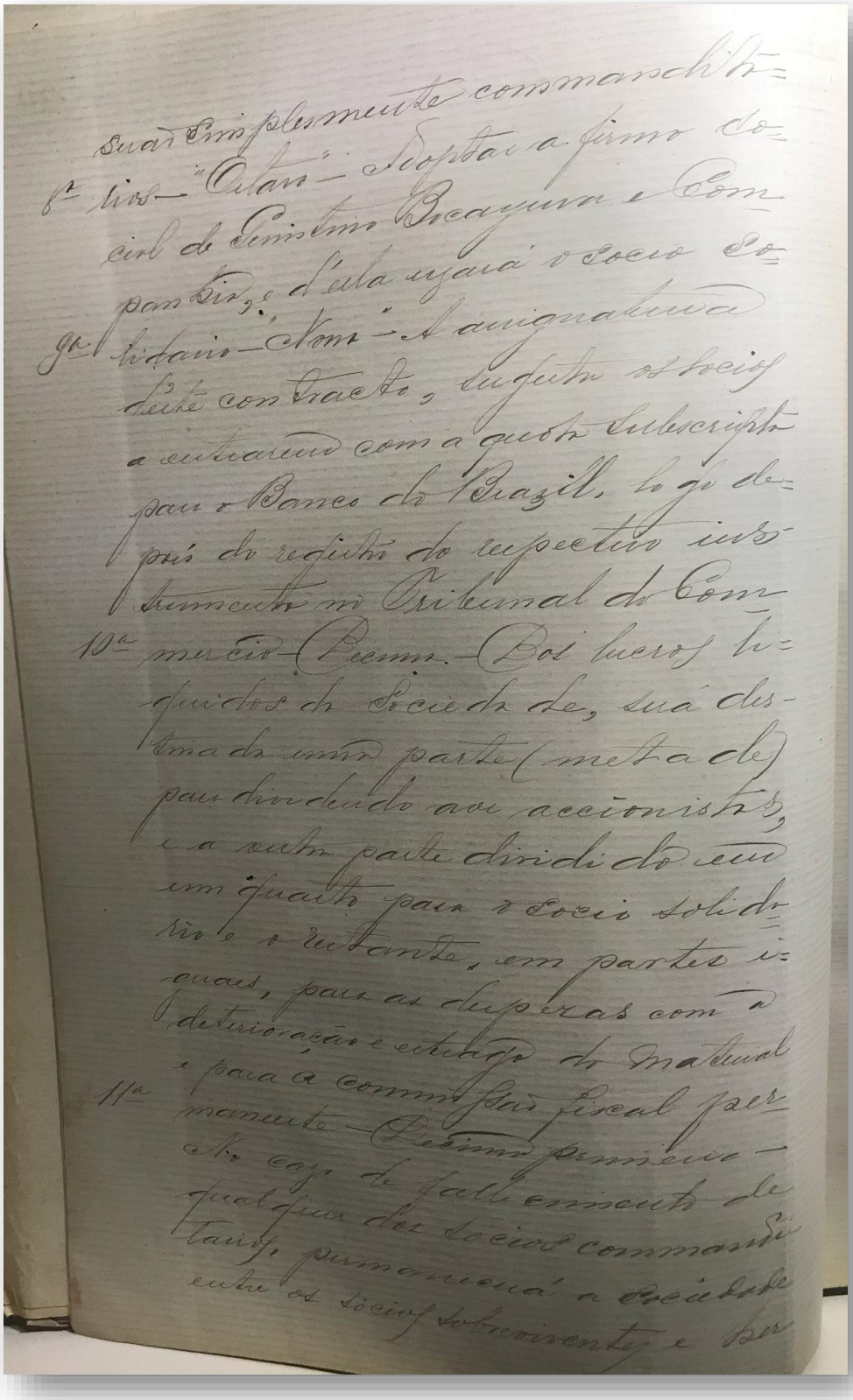
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 15 — Contrato social, página 20.



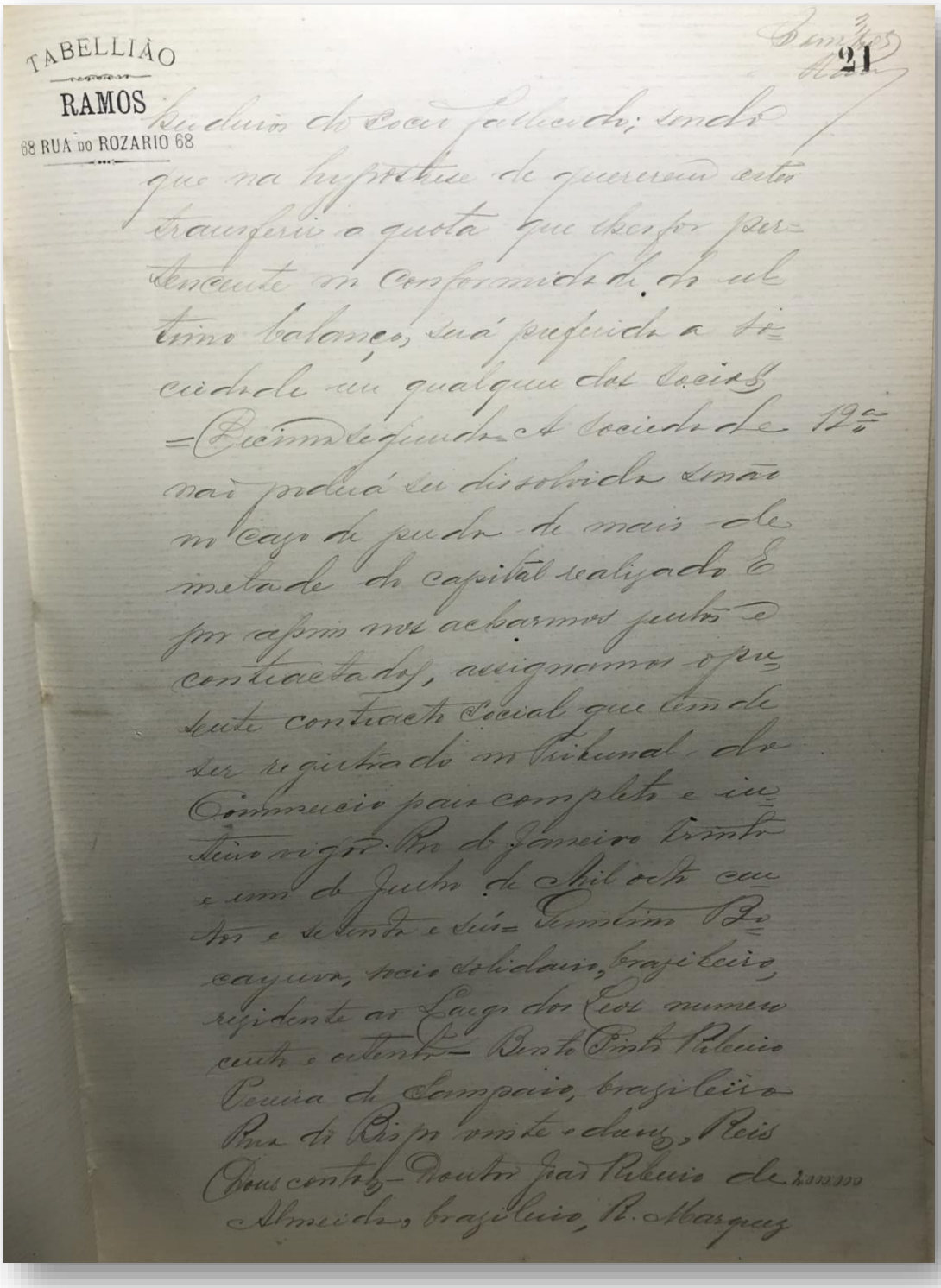
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 16 — Contrato social, verso da página 20.



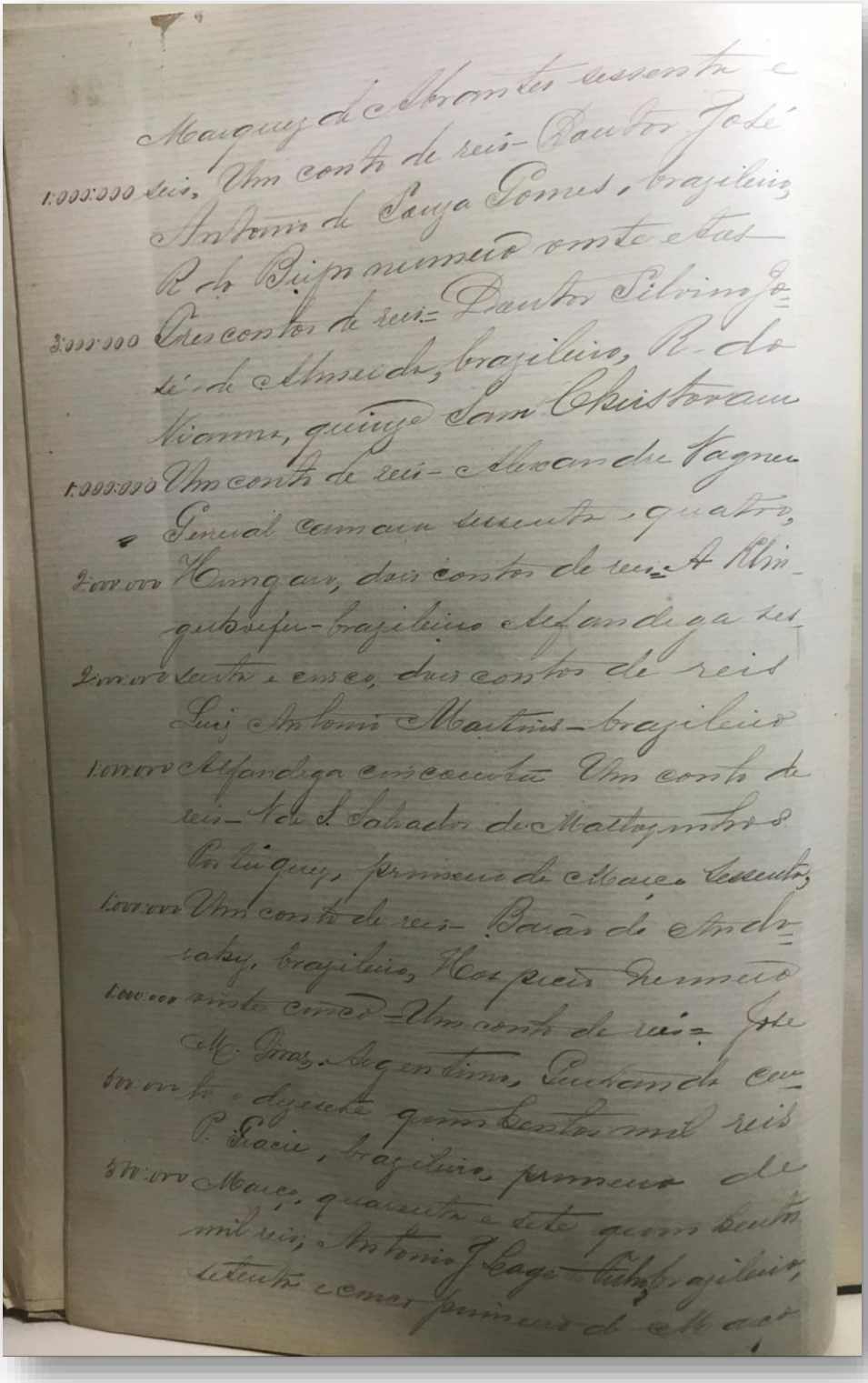
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 17 — Contrato social, página 21.



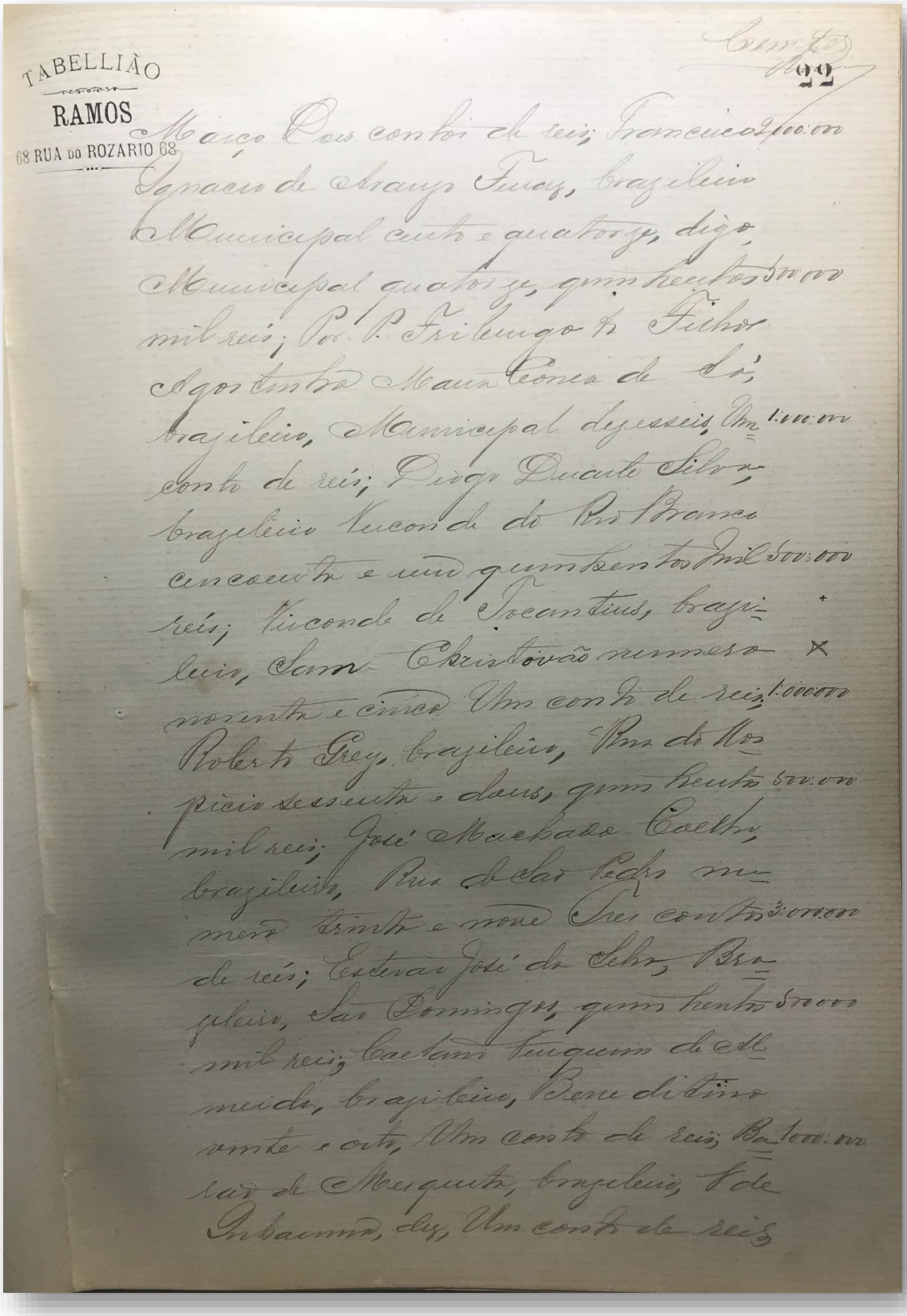
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 18 — Contrato social, verso da página 21.



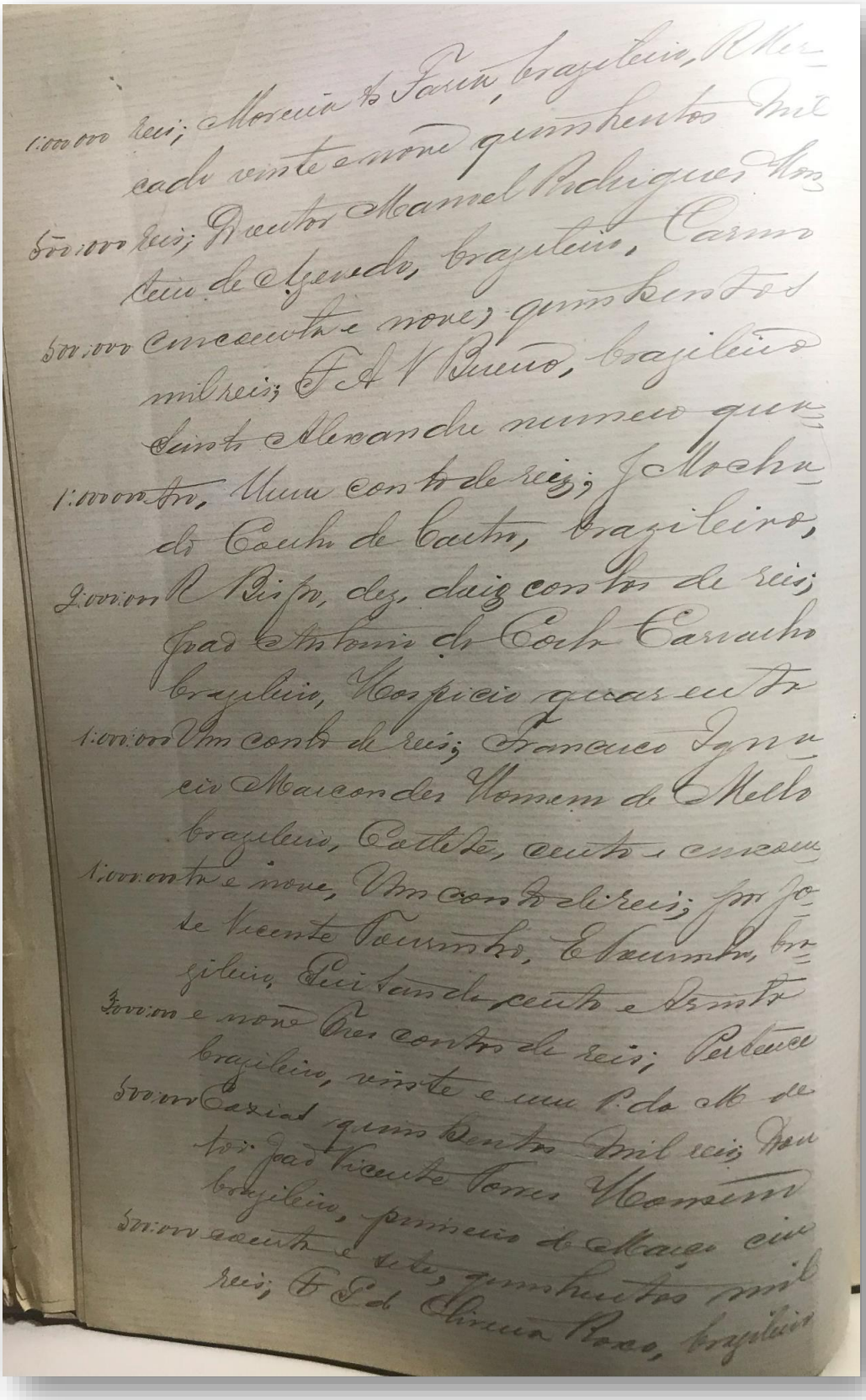
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 19 — Contrato social, página 22.



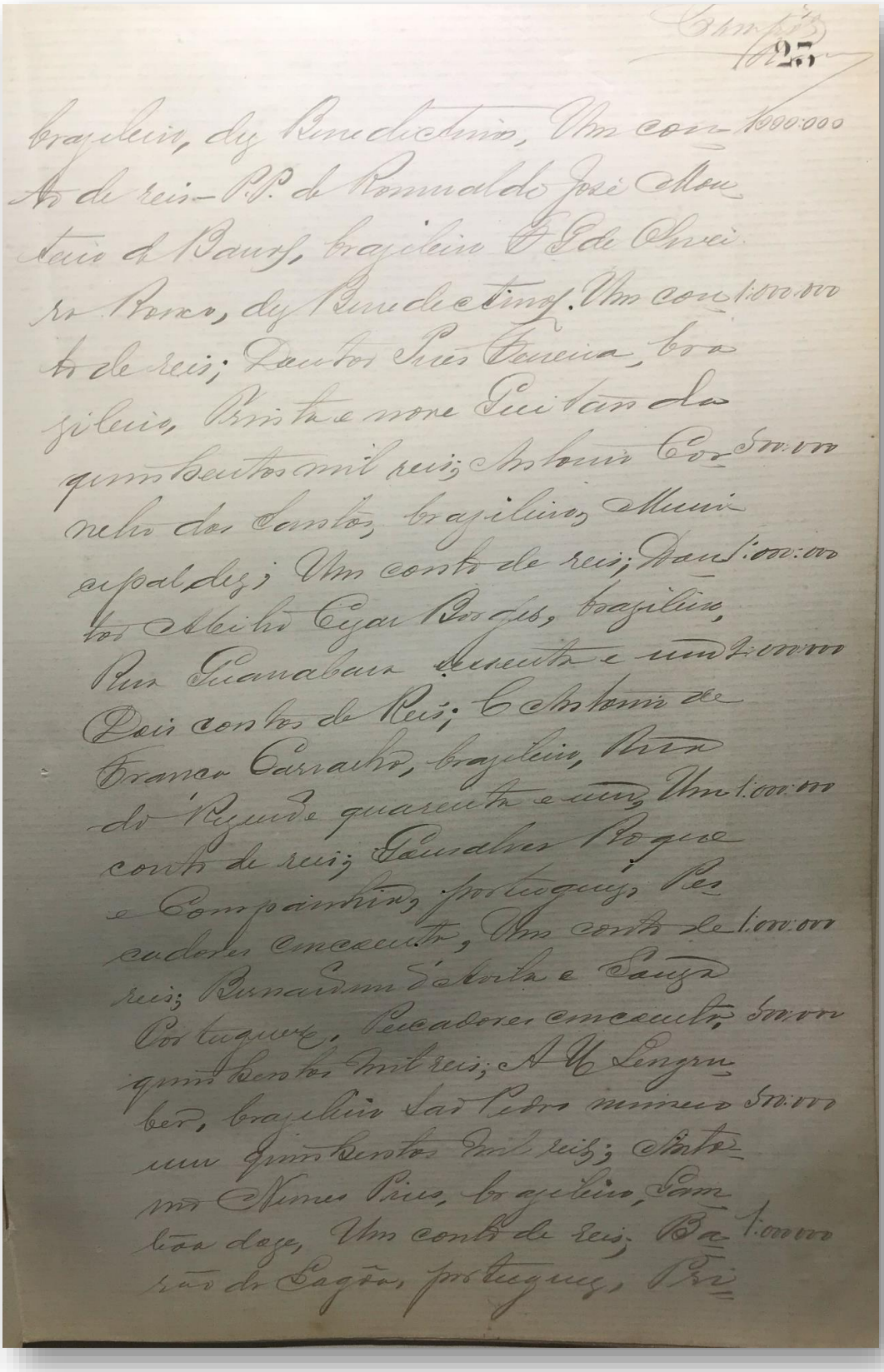
Fonte: "*O Globo*, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 20 — Contrato social, verso da página 22.



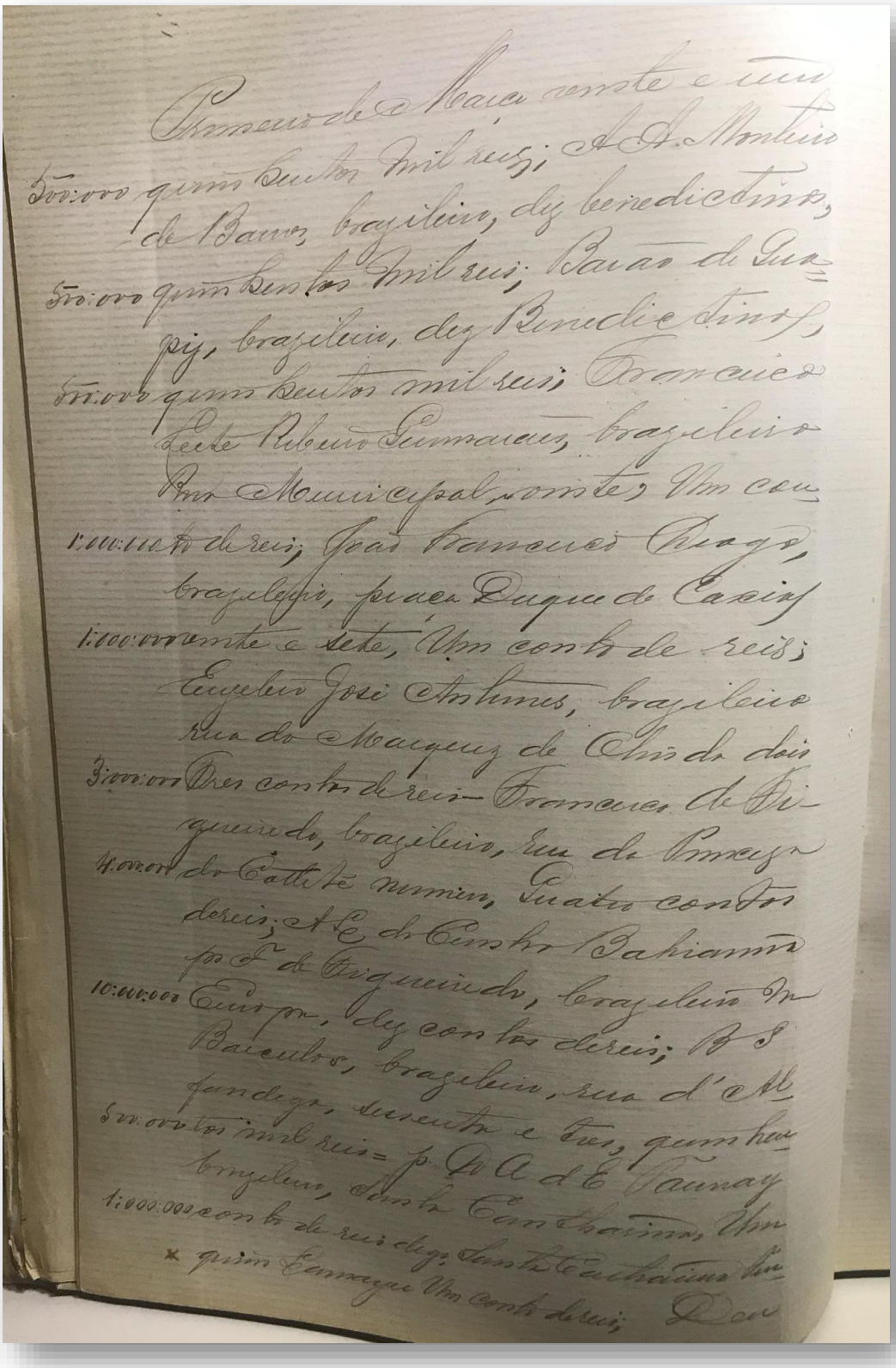
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 21 — Contrato social, página 23.



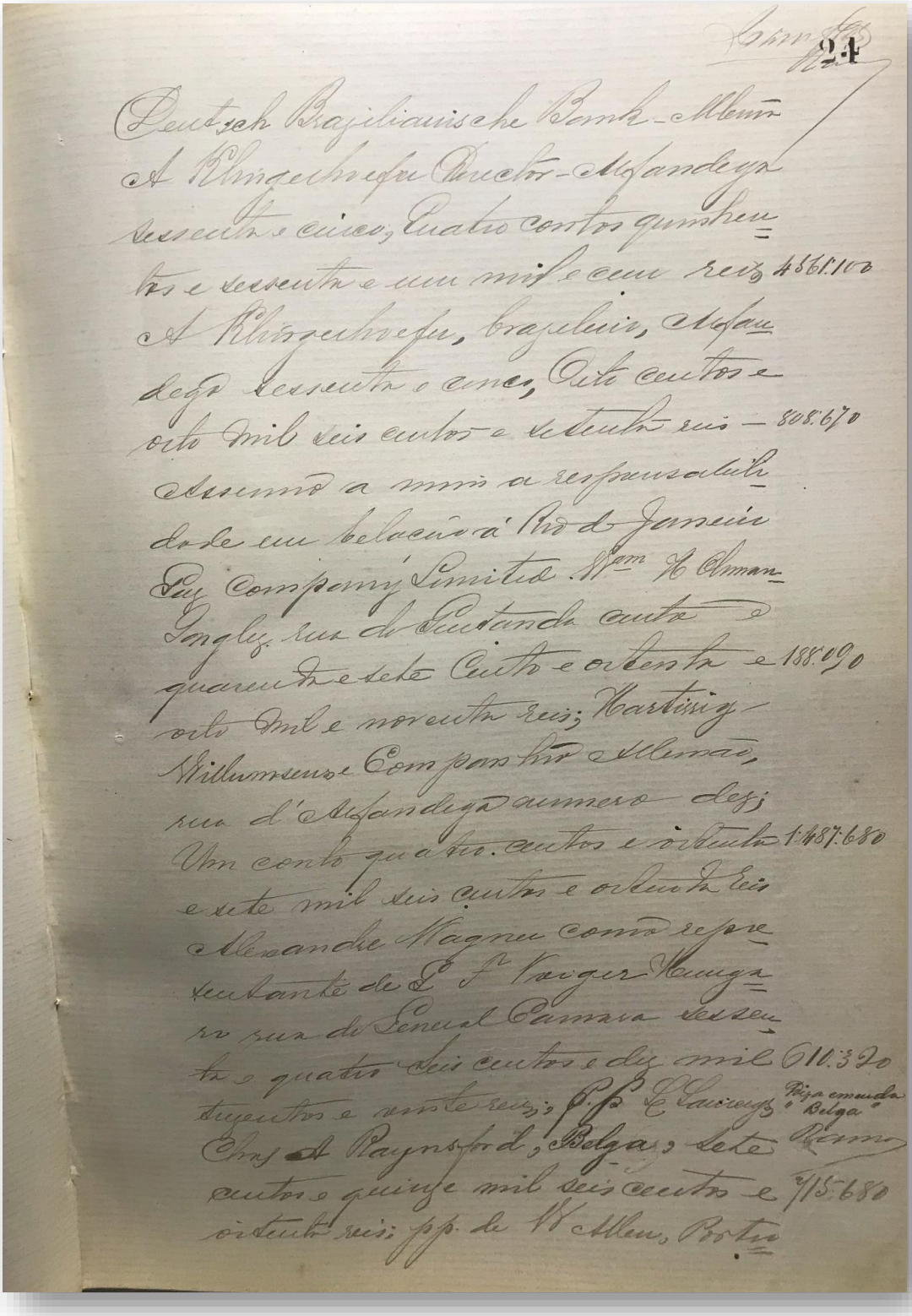
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 22 — Contrato social, verso da página 23.



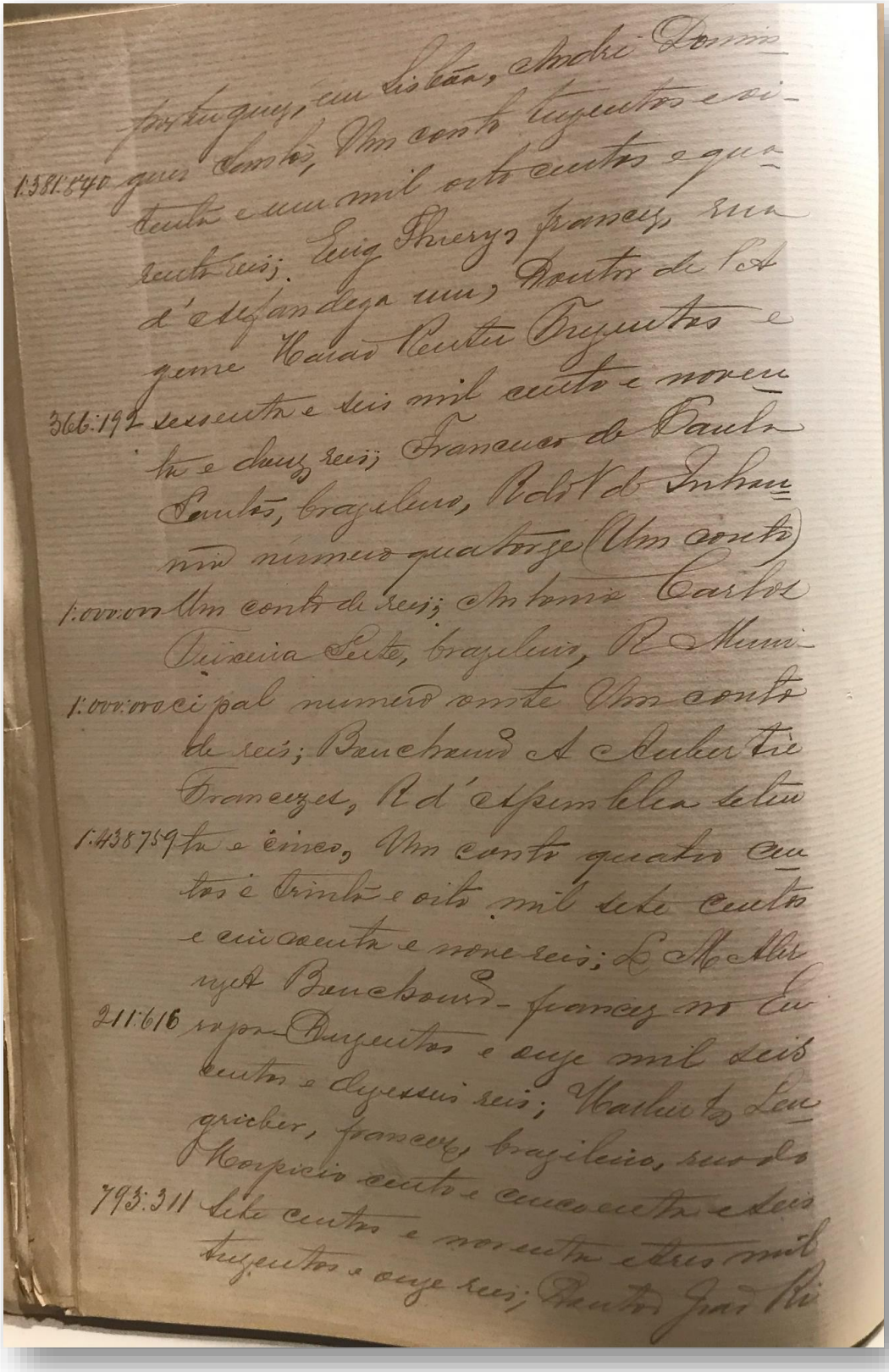
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 23 — Contrato social, página 24.



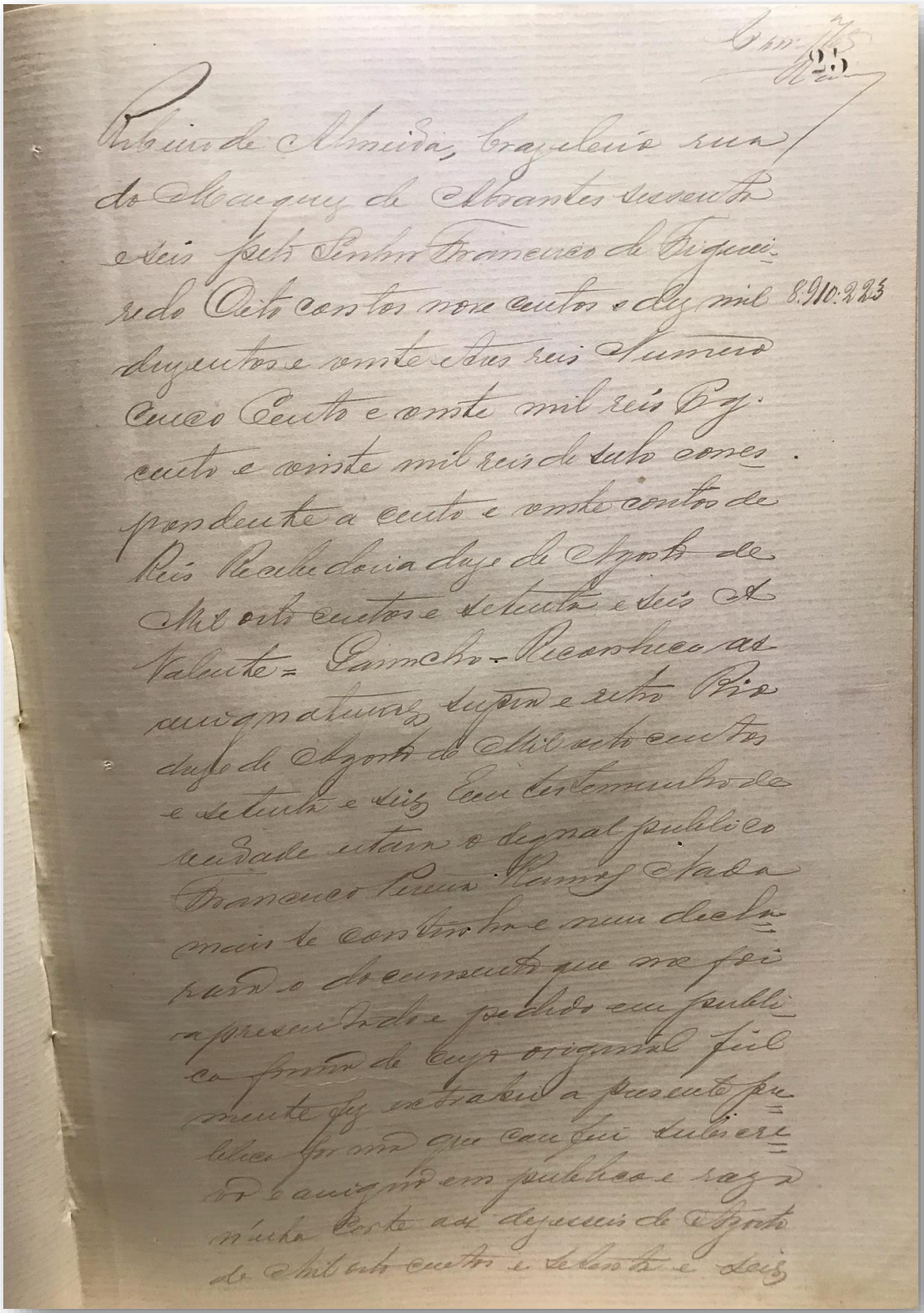
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 24 — Contrato social, verso da página 24.



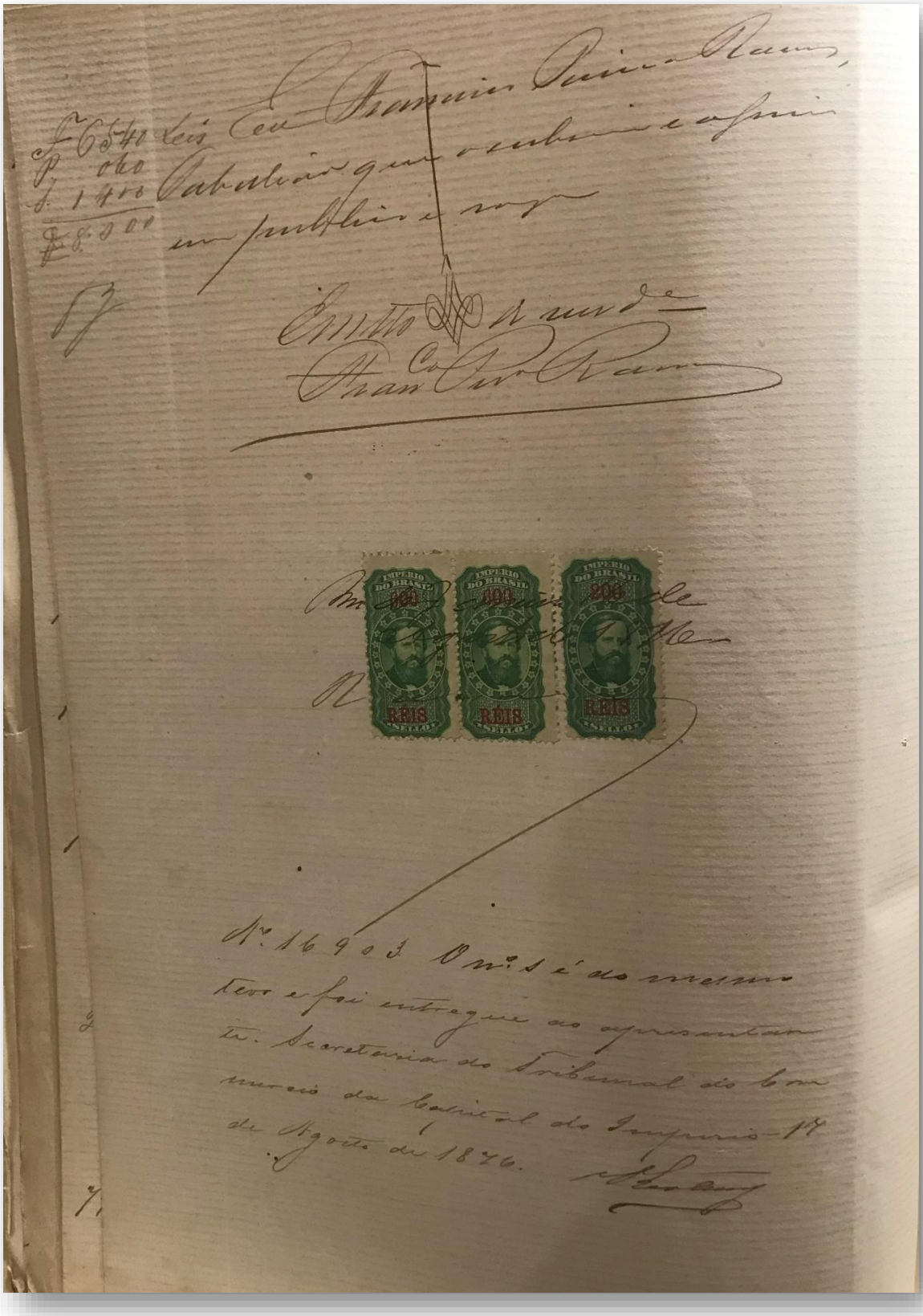
Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 25 — Contrato social, página 25.



Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Figura 26 — Contrato social, verso da página 25.



Fonte: "O Globo, sociedade comanditária", Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Junta Comercial, Livro 60, registro 16.903, página 19 a 25 verso.

Tabela 1 – Textos publicados no folhetim d'*O Globo* até 1883

Título	**Autor**	**Início**	**Fim**
A viscondessa Alice	Albéric Second	Data: 8/8/1874	Data: 2/9/1874
		Edição: nº4	Edição: nº 29
A escrava Isaura *incompleto	Bernardo Guimarães	Data: 3/9/1874	Data: 6/9/1874
		Edição: nº30	Edição: nº33
A pinta	Alfredo (*sic*) de Musset	Data: 13/9/1874	Data: 18/9/1874
		Edição: nº40	Edição: nº 45
A tua roseira: história melancólica	Não consta	Data: 19/9/1874	Data: 19/9/1874
		Edição: nº 46	Edição: nº 46
História de um melro branco	Alfredo (*sic)* de Musset	Data: 22/9/1874	Data: 24/9/1874
		Edição: nº 49	Edição: nº 51
A mão e a luva	Machado de Assis	Data: 26/9/1874	Data: 3/10/1874
		Edição: nº 53	Edição: nº 91
Ouro sobre azul	Sylvio Dinarte (pseudônimo de Alfredo d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay)	Data: 6/10/1874	Data: 27 e 28/3/1875
		Edição: nº 94	Edição: nº 85
Marabá	Salvador de Mendonça	Data: 23/12/1874	Data: 9/2/1875
		Edição: nº 141	Edição: nº 40
Ventura	L. de M.	Data: 19/1/1875	Data: 19/1/1875
		Edição: nº 19	Edição: nº 19

Arte e artistas	Stenio	Data: 28/2/1875	Data: 28/2/1875
		Edição: nº 58	Edição: nº 58
Ao correr da pena	Luiz Guimarães Junior	Data: 7/3/1875	Data: 7/3/1875
		Edição: nº 65	Edição: nº 65
O leitor dá licença?	Zoilo	Data: 21/3/1875	Data: 21/3/1875
		Edição: nº 79	Edição: nº 79
Sem pretensão	Silvanus	Data: 4/4/1875	Data: 4/4/1875
		Edição: nº 91	Edição: nº 91
O pedido de Isaura	L.	Data: 25/4/1875	Data: 25/4/1875
		Edição: nº 112	Edição: nº 112
Crônica dos teatros	Não consta	Data: 26/4/1875	Data: 26/4/1875
		Edição: nº 113	Edição: nº 113
O segredo de Javotte	Alfredo (*sic)* de Musset	Data: 27/4/1875	Data: 7/5/1875
		Edição: nº 114	Edição: nº 124
Pedro e Camilla	Alfredo (*sic)* de Musset	Data: 12/5/1875	Data: 21/5/1875
		Edição: nº 129	Edição: nº 138
Mimi Pinson: perfil de costureira	Alfredo (*sic)* de Musset	Data: 25/5/1875	Data: 7/7/1875
		Edição: nº 142	Edição: nº 154
Os Srs. Fay e Keller e o espiritismo	G. M.	Data: 2/6/1875	Data: 2/6/1875
		Edição: nº 150 (A)	Edição: nº 150 (A)

O último concerto da Filarmônica	Não consta	Data: 3/6/1875	Data: 3/6/1875
		Edição: nº 150 (B)	Edição: nº 150 (B)
Uma festa da inteligência	G. M.	Data: 13/6/1875	Data: 13/06/1875
		Edição: nº 159 (B)	Edição: nº 159 (B)
O livro fechado	Amedée Achard	Data: 20/6/1875	Data: 14/7/1875
		Edição: nº 168	Edição: nº 191
A mãe dos brasileiros	Rozendo Moniz	Data: 21/6/1875	Data: 21/6/1875
		Edição: nº 169	Edição: nº 169
High life	Não consta	Data: 8/7/1875	Data: 8/7/1875
		Edição: nº 185	Edição: nº 185
O amante da morta	Ludovic Pichon	Data: 22/7/1875	Data: 2/9/1875
		Edição: nº 199	Edição: nº 240
Um bom livro	G. M.	Data: 23/7/1875	Data: 23/7/1875
		Edição: nº 200	Edição: nº 200
Literatura do palco	Não consta	Data: 28/7/1875	Data: 28/7/1875
		Edição: nº 205	Edição: nº 205
Aos domingos	Joaquim Nabuco	Data: 8/8/1875	Data: 8/8/1875
		Edição: nº 216	Edição: nº 216
Crônica musical	Não consta	Data: 9/8/1875	Data: 9/8/1875
		Edição: nº 217	Edição: nº 217

High Life	Não consta	Data: 12/8/1875	Data: 12/8/1875
		Edição: nº 220	Edição: nº 220
Como se vive	Não consta	Data: 21/8/1875	Data: 21/8/1875
		Edição: nº 228	Edição: nº 228
Aos domingos: dos novos romances	Joaquim Nabuco	Data: 22/8/1875	Data: 22/8/1875
		Edição: nº 229	Edição: nº 229
Aos domingos: uma versão do "Tartufo"	*A parte do jornal onde constaria o nome do autor está deteriorada, mas provavelmente o texto é de autoria de Joaquim Nabuco, uma vez que ele assinava essa coluna.	Data: 29/8/1875	Data: 29/8/1875
		Edição: nº 236	Edição: nº 236
Flamarande	George Sand (pseudônimo de Amantine Aurore Lucile Dupin)	Data: 3/9/1875	Data: 18/1/1876
		Edição: nº 241	Edição: nº 18
Aos domingos: a reação alemã e George Sand	Joaquim Nabuco	Data: 5/9/1875	Data: 5/9/1875
		Edição: nº 243	Edição: nº 243
Aos domingos: Álvares de Azevedo	Joaquim Nabuco	Data: 12/9/1875	Data: 12/9/1875
		Edição: nº 249	Edição: nº 249
As orquestras do Rio de Janeiro	Lulli	Data: 14/9/1875	Data: 14/9/1875
		Edição: nº 251	Edição: nº 251
Aos domingos	Joaquim Nabuco	Data: 19/9/1875	Data: 19/9/1875

		Edição: nº 256	Edição: nº 256
O jesuíta: drama original brasileiro em 4 atos, pelo conselheiro J.de Alencar	Não consta	Data: 22/9/1875	Data: 22/9/1875
		Edição: nº 259	Edição: nº 259
Aos domingos: Jocelyn	Joaquim Nabuco	Data: 26/9/1875	Data: 26/9/1875
		Edição: nº 263	Edição: nº 263
Aos domingos: Jocelyn	Joaquim Nabuco	Data: 27/9/1875	Data: 27/9/1875
		Edição: nº 264	Edição: nº 264
D. Ignez de Castro: drama em 5 atos e em verso por Julio de Castilho	Não consta	Data: 30/9/1875	Data: 30/9/1875
		Edição: nº 267	Edição: nº 267
Aos domingos: o Sr. J. de Alencar e o teatro brasileiro	Joaquim Nabuco	Data: 3/10/1875	Data: 3/10/1875
		Edição: nº 270	Edição: nº 270
Às quintas	José de Alencar	Data: 7/10/1875	Data: 7/10/1875
		Edição: nº 274	Edição: nº 274
Aos domingos: estudos sobre o Sr. José de Alencar	Joaquim Nabuco	Data: 10/10/1875	Data: 10/10/1875
		Edição: nº 277	Edição: nº 277
Às quintas	José de Alencar	Data: 14/10/1875	Data: 14/10/1875

		Edição: nº 281	Edição: nº 281
Um casamento aristocrático	Octavio Feuillet	Data: 15/10/1875	Data: 20/12/1875
		Edição: nº 282	Edição: nº 347
Aos domingos: estudos sobre o Sr. José de Alencar (continuação)	Joaquim Nabuco	Data: 17/10/1875	Data: 17/10/1875
		Edição: nº 284	Edição: nº 284
Anchieta: ou o evangelho nas selvas	Não consta	Data: 20/10/1875	Data: 20/10/1875
		Edição: nº 287	Edição: nº 287
Às quintas	José de Alencar	Data: 21/10/1875	Data: 21/10/1875
		Edição: nº 288	Edição: nº 288
Aos domingos: estudos sobre o Sr. José de Alencar (continuação)	Joaquim Nabuco	Data: 24/10/1875	Data: 24/10/1875
		Edição: nº 291	Edição: nº 291
Oito dias	Não consta	Data: 25/10/1875	Data: 25/10/1875
		Edição: nº 292	Edição: nº 292
Os lazaristas: drama original em três atos por Antonio Ennes	Não consta	Data: 26/10/1875	Data: 26/10/1875
		Edição: nº 293	Edição: nº 293
Às quintas	José de Alencar	Data: 28/10/1875	Data: 28/10/1875
		Edição: nº 295	Edição: nº 295
Aos domingos: estudos sobre o Sr. José de Alencar (continuação)	Joaquim Nabuco	Data: 31/10/1875	Data: 31/10/1875
		Edição: nº 298	Edição: nº 298
Os lazaristas (drama): ao senhor conselheiro Cardozo de Menezes	Não consta	Data: 2 e 3/11/1875	Data: 2 e 3/11/1875

		Edição: nº 300	Edição: nº 300
Às quintas	José de Alencar	Data: 4/11/1875	Data: 4/11/1875
		Edição: nº 301	Edição: nº 301
Aos domingos: estudos sobre o Sr. José de Alencar (continuação)	Joaquim Nabuco	Data: 7/11/1875	Data: 7/11/1875
		Edição: nº 304	Edição: nº 304
Às quintas	José de Alencar	Data: 11/11/1875	Data: 11/11/1875
		Edição: nº 308	Edição: nº 308
Aos domingos: estudos sobre o Sr. J. de Alencar (continuação)	Joaquim Nabuco	Data: 14/11/1875	Data: 14/11/1875
		Edição: nº 311	Edição: nº 311
Às quintas	José de Alencar	Data: 18/11/1875	Data: 18/11/1875
		Edição: nº 315	Edição: nº 315
Aos domingos: estudos sobre o Sr. J. de Alencar (continuação)	Joaquim Nabuco	Data: 21/11/1875	Data: 21/11/1875
		Edição: nº 318	Edição: nº 318
Os dois irmãos (continuação de Flamarande)	George Sand	Data: 20/1/1876	Data: 14/2/1876
		Edição: nº 20	Edição: nº 45
Um dia de paixão	Leopoldo de Siqueira (pseudônimo de Alfredo d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay)	Data: 16/2/1876	Data: 17/2/1876
		Edição: nº 47	Edição: nº 48

Memórias de um Sandeu: que fez mais do que prometia	Eugenio Noel	Data: 19/2/1876	Data: 21/4/1876
		Edição: nº 50	Edição: nº 110
Cenas e tipos militares: a vingança de um recruta	Sylvio Dinarte	Data: 6/4/1876	Não consta
		Edição: nº 97	
Recordações da mocidade	Não consta	Data: 23/4/1876	Data: 23/4/1876
		Edição: nº 112	Edição: nº 112
Revista musical: história da música moderna na Itália, na Alemanha e na França, desde a era cristã até os nossos dias	Victorin Jancières	Data: 24/4/1876	Data: 24/4/1876
		Edição: nº 113	Edição: nº 113
Influência dos árabes em nossa música moderna	Varella Silvari	Data: 25/4/1876	Data: 25/4/1876
		Edição: nº 114	Edição: nº 114
A capela de S. João Batista na Igreja de S. Roque, em Lisboa	I. de Vilhena Barbosa	Data: 3/5/1876	Data: 6/5/1876
		Edição: nº 122	Edição: nº 125
O rei de Baviera	Não consta	Data: 21/5/1876	Data: 21/5/1876
		Edição: nº 140	Edição: nº 140
Pedro Ivo: o selo da roda	Não consta	Data: 28/5/1876	Data: 28/5/1876
		Edição: nº 146	Edição: nº 146
O sonho de ouro	Charles Nodier	Data: 31/5/1876	Data: 1/6/1876

		Edição: nº 149	Edição: nº 150
Da condição da mulher na família ateniense	Henrique Houssaye	Data: 4/6/1876	Publicação interrompida
		Edição: nº 153	
O último concerto da filarmônica	Não consta	Data: 7/6/1876	Data: 7/6/1876
		Edição: nº 156	Edição: nº 156
Nas ardenas	Eugenio Danglars	Data: 9/6/1876	Data: 18/6/1876
		Edição: nº 158	Edição: nº 162
O cavalheiro d'aglure	Não consta	Data: 21/6/1876	Data: 28/6/1876
		Edição: nº 170	Edição: nº 176
Monumentos religiosos do Minho: o convento de Santa Clara em Vila do Conde	I. de Vilhena Barbosa	Data: 29/7/1876	Data: 30/7/1876
		Edição: nº 204	Edição: nº 205
Teatro ginásio	Não consta	Data: 31/7/1876 e 1/8/1876	Data: 31/7/1876 e 1/8/1876
		Edição: nº 206	Edição: nº 206
Helena	Machado de Assis	Data: 6/8/1876	Data: 11/8/1876
		Edição: nº 211	Edição: nº 245
Um baile brasileiro em Londres	T. Johnson	Data: 19/8/1876	Data: 19/8/1876
		Edição: nº 222	Edição: nº 222

Páginas sem nome	Oscar D'Alva (pseudônimo de Antônio dos Reis Carvalho)	Data: 12/9/1876	Data: 12/9/1876
		Edição: nº 246	Edição: nº 246
A herança	Jules Sandeau	Data: 13/9/1876	Data: 18/10/1876
		Edição: nº 247	Edição: nº 282
Luiz D'Alva	Luiz Guimarães Junior	Data: 20/9/1876	Data: 20/9/1876
		Edição: nº 254	Edição: nº 254
Pedro Luiz	P. L.	Data: 21/9/1876	Data: 21/9/1876
		Edição: nº 255	Edição: nº 255
Salvator 10 A — Ópera de Carlos Gomes	Não consta	Data: 28/9/1876	Data: 28/9/1876
		Edição: nº 262	Edição: nº 262
Crônica parisiense	Themis	Data: 29/9/1876	Data: 29/9/1876
		Edição: nº 263	Edição: nº 263
A legenda de S. José: como se conseguiu iluminar Nápoles	Alexandre Dumas	Data: 19/10/1876	Data: 21/10/1876
		Edição: nº 283	Edição: nº 285
Os dentes de um turco (conto fantástico)	Paulo de Musset	Data: 22/10/1876	Data: 5/11/1876
		Edição: nº 286	Edição: nº 300
O guarani	Gustavo (sic) Aimard	Data: 23/10/1876	Data: 15/12/1876
		Edição: nº 287	Edição: nº 340
Joaquim Serra	Luiz Guimarães Junior	Data: 11/11/1876	Data: 11/11/1876

		Edição: nº 306	Edição: nº 306
Castro Alves: a cachoeira da Paulo Afonso	Luiz Guimarães Junior	Data: 15/11/1876	Data: 15/11/1876
		Edição: nº 310	Edição: nº 310
Na Itália: Florença a voo de pássaro	Luiz Guimarães Junior	Data: 1/12/1876	Data: 1/12/1876
		Edição: nº 326	Edição: nº 326
Na Itália: a batalha de Avahy por Pedro Américo	Luiz Guimarães Junior	Data: 2/12/1876	Data: 2/12/1876
		Edição: nº 327	Edição: nº 327
Na Itália: Raphael e Miguel Angelo	Luiz Guimarães Junior	Data: 4/12/1876	Data: 4/12/1876
		Edição: nº 329	Edição: nº 329
Teatro	Não consta	Data: 5/12/1876	Data: 5/12/1876
		Edição: nº 330	Edição: nº 330
Na Itália: Barberi e Mocole	Luiz Guimarães Junior	Data: 11/12/1876	Data: 11/12/1876
		Edição: nº 336	Edição: nº 336
O montonero (Continuação de O guarani)	Gustavo (sic) Aimard	Data: 16/12/1876	Data: 13/1/1877
		Edição: nº 341	Edição: nº 13 *fim da primeira parte
Fior de Aliza (Resenha)	Um Pifferaro	Data: 10/1/1877	Data: 10/1/1877
		Edição: nº 10	Edição: nº 10

O montonero (Continuação de O guarani)	Gustavo (sic) Aimard	Data: 14/1/1877 *início da segunda parte	Data: 11/2/1877 *fim da segunda parte
		Edição: nº 14	Edição: nº 42
Irmão Agostinho	Não consta (Traduzido por M. E. F.)	Data: 20/1/1877	Data: 21/1/1877
		Edição: nº 20	Edição: nº 21
O carnaval	Não consta	Data: 11/2/1877	Data: 11/2/1877
		Edição: nº 42	Edição: nº 42
Fra Diavolo: seu processo – sua morte	Não consta	Data: 12 e 13/2/1877	Data: 14 e 15/2/1877
		Edição: nº 44	Edição: nº 46
A vingança	Alberto Blest Gana	Data: 16/2/1877	Data: 24/2/1877
		Edição: nº 47	Edição: nº 55
Zeno Cabral (Continuação de O guarani)	Gustavo (sic) Aimard	Data: 18/2/1877 *início da terceira parte	Data: 2 e 3/4/1877
		Edição: nº 49	Edição: nº 84
Tauromachia	Sir Mark	Data: 11/3/1877	Data: 11/3/1877
		Edição: nº 70	Edição: nº 70
Os noivos	Alexandre Manzoni	Data: 4/4/1877	Data: 6/10/1877
		Edição: nº 85	Edição: nº 244
Currente Calamo	Juvenal	Data: 8/4/1877	Data: 4/4/1877
		Edição: nº 89	Edição: nº 85

Currente Calamo	Juvenal	Data: 29/4/1877	Data: 29/4/1877
		Edição: nº 106	Edição: nº 106
A vida pariziense	Themis	Data: 2/5/1877	Data: 2/5/1877
		Edição: nº 108	Edição: nº 108
A vida pariziense	Themis	Data: 11/5/1877	Data: 11/5/1877
		Edição: nº 116	Edição: nº 116
Currente Calamo	Juvenal	Data: 13/4/1877	Data: 13/4/1877
		Edição: nº 118	Edição: nº 118
Currente Calamo	Juvenal	Data: 30/4/1877	Data: 30/4/1877
		Edição: nº 132	Edição: nº 132
A vida na Belgica	Themis	Data: 1/6/1877	Data: 1/6/1877
		Edição: nº 134	Edição: nº 134
A vida fluminense	Orion	Data: 2/6/1877	Data: 2/6/1877
		Edição: nº 135	Edição: nº 135
A vida em Roma	Alpha	Data: 3/6/1877	Data: 3/6/1877
		Edição: nº 136	Edição: nº 136
Julia (Resenha)	Goldoni	Data: 7/6/1877	Data: 7/6/1877
		Edição: nº 139	Edição: nº 139
A vida fluminense	Orion	Data: 9/6/1877	Data: 9/6/1877
		Edição: nº 141	Edição: nº 141
A vida parisiense	Themis	Data: 16/6/1877	Data: 16/6/1877
		Edição: nº 147	Edição: nº 147

A vida fluminense	Não consta	Data: 17/6/1877	Data: 17/6/1877
		Edição: nº 148	Edição: nº 148
A vida fluminense	Não consta	Data: 23/6/1877	Data: 23/6/1877
		Edição: nº 153	Edição: nº 153
A vida parisiense	Themis	Data: 28/6/1877	Data: 28/6/1877
		Edição: nº 157	Edição: nº 157
S. Paulo	Carlos França	Data: 30/6/1877	Data: 30/6/1877
		Edição: nº 159	Edição: nº 159
A vida fluminense	Orion	Data: 8/7/1877	Data: 8/7/1877
		Edição: nº 167	Edição: nº 167
A vida fluminense	Themis	Data: 13/7/1877	Data: 13/7/1877
		Edição: nº 171	Edição: nº 171
A vida fluminense	Orion	Data: 15/7/1877	Data: 15/7/1877
		Edição: nº 173	Edição: nº 173
A vida parisiense	Themis	Data: 30 e 31/7/1877	Data: 30 e 31/7/1877
		Edição: nº 186	Edição: nº 186
O salão pariziense	Themis	Data: 1/8/1877	Data: 1/8/1877
		Edição: nº 187	Edição: nº 187
A vida fluminense	Orion	Data: 4/8/1877	Data: 4/8/1877
		Edição: nº 190	Edição: nº 190
A vida parisiense	Themis	Data: 19/8/1877	Data: 19/8/1877

		Edição: nº 202	Edição: nº 202
A vida fluminense	Orion	Data: 25/8/1877	Data: 25/8/1877
		Edição: nº 208	Edição: nº 208
O concerto de hoje	L.T.	Data: 31/8/1877	Data: 31/8/1877
		Edição: nº 213	Edição: nº 213
A vida fluminense	Orion	Data: 15/9/1877	Data: 15/9/1877
		Edição: nº 226	Edição: nº 226
Um passeio a Quissamã	P.	Data: 22/9/1877	Data: 22/9/1877
		Edição: nº 232	Edição: nº 232
A batalha de Avahy	G. M.	Data: 5/10/1877	Data: 5/10/1877
		Edição: nº 243	Edição: nº 243
A sra. Lydia Paschkoff	G. M.	Data: 10/10/1877	Data: 10/10/1877
		Edição: nº 247	Edição: nº 247
O ultimo boiardo	Lydia Paschkoff	Data: 11/10/1877	Data: 27/10/1877
		Edição: nº 248	Edição: nº 262
A vida fluminense	Orion	Data: 27/10/1877	Data: 27/10/1877
		Edição: nº 262	Edição: nº 262
O monge negro	Clemencia Robert (Traduzido por Luidje Lerna e C. M.)	Data: 29/10/1877	Data: 4/12/1877
		Edição: nº 263	Edição: nº 291
Divagações ao crepusculo	Phrasebs.	Data: 31/10/1877	Data: 31/10/1877
		Edição: nº 265	Edição: nº 265

A vida fluminense	Orion	Data: 3/11/1877	Data: 3/11/1877
		Edição: nº 266	Edição: nº 266
A vida fluminense	Orion	Data: 17/11/1877	Data: 17/11/1877
		Edição: nº 278	Edição: nº 278
A vida parisiense	Themis	Data: 23/11/1877	Data: 23/11/1877
		Edição: nº 283	Edição: nº 283
Divagações ao crepusculo	Thraseas.	Data: 24/11/1877	Data: 24/11/1877
		Edição: nº 284	Edição: nº 284
O judeu errante	Eugène Sue	Data: 30/11 e 1/12/1877	Não consta
		Edição: nº 289	
Cartas de Paris I	Miguel Lemos	Data: 12/12/1877	Data: 12/12/1877
		Edição: nº 297	Edição: nº 297
Cartas de Paris II	Miguel Lemos	Data: 14/12/1877	Data: 14/12/1877
		Edição: nº 299	Edição: nº 299
A vida parisiense	Themis	Data: 21/12/1877	Data: 21/12/1877
		Edição: nº 305	Edição: nº 305
Retrato de Girardin/Retrato de Emilio de Girardin	Castellar	Data: 22/12/1877	Data: 25/12/1877
		Edição: nº 306	Edição: nº 308
José de Alencar	Thraseas	Data: 23/12/1877	Data: 23/12/1877
		Edição: nº 307	Edição: nº 307
Cartas de Paris	Miguel Lemos	Data: 28/12/1877	Data: 30/12/1877

		Edição: nº 310	Edição: nº 312
O drama da rua do templo	Constant Gueróult	Data: 12/9/1881	Data: 4/5/1882
		Edição: nº 2	Edição: nº 200
Theatro lyrico italiano	Ilegível	Data: 15/9/1881	Data: 15/9/1881
		Edição: nº 5	Edição: nº 5
Ensaios do lyrico	França Junior	Data: 17/9/1881	Data: 17/9/1881
		Edição: nº 7	Edição: nº 7
Conversemos...: la forza del destino	A. Cardoso de Menezes	Data: 20/9/1881	Data: 20/9/1881
		Edição: nº 9	Edição: nº 9
Conversemos...	A. Cardoso de Menezes	Data: 22/9/1881	Data: 22/9/1881
		Edição: nº 11	Edição: nº 11
Correio de Paris: 25 de agosto de 1881	Não consta	Data: 23/9/1881	Data: 23/9/1881
		Edição: nº 12	Edição: nº 12
O voltarete, o discurso e o chinelo	França Junior	Data: 24/9/1881	Data: 24/9/1881
		Edição: nº 13	Edição: nº 13
Não consta	Joaquim de Siqueira	Data: 26/9/1881	Data: 26/9/1881
		Edição: nº 14	Edição: nº 14
Mefistofele: Boito musico e poeta	A. Cardoso de Menezes	Data: 27/9/1881	Data: 27/9/1881
		Edição: nº 15	Edição: nº 15
Mefistofele: Boito musico e poeta	A. Cardoso de Menezes	Data: 29/9/1881	Data: 29/9/1881
		Edição: nº 17	Edição: nº 17
	Não consta	Data: 30/9/1881	Data: 30/9/1881

Correio de Paris: 4 de setembro de 1881		Edição: nº 18	Edição: nº 18
Ao publico	França Junior	Data: 1/10/1881	Data: 1/10/1881
		Edição: nº 19	Edição: nº 19
Mefistofele: Boito musico e poeta	A. Cardoso de Menezes	Data: 3/10/1881	Data: 3/10/1881
		Edição: nº 20	Edição: nº 20
Mefistofele: Boito musico e poeta	A. Cardoso de Menezes	Data: 5/10/1881	Data: 5/10/1881
		Edição: nº 22	Edição: nº 22
Mefistofele: Boito musico e poeta	A. Cardoso de Menezes	Data: 6/10/1881	Data: 6/10/1881
		Edição: nº 23	Edição: nº 23
Artistas e amadores: o maestro Bassi	A. Cardoso de Menezes	Data: 8/10/1881	Data: 8/10/1881
		Edição: nº 25	Edição: nº 25
Mefistofele: Boito musico e poeta	A. Cardoso de Menezes	Data: 11/10/1881	Data: 11/10/1881
		Edição: nº 27	Edição: nº 27
Mefistofele: Boito musico e poeta	A. Cardoso de Menezes	Data: 12/10/1881	Data: 12/10/1881
		Edição: nº 28	Edição: nº 28
Correio de Paris: 18 de setembro de 1881	Não consta	Data: 13/10/1881	Data: 13/10/1881
		Edição: nº 29	Edição: nº 29
Quadro antigo	França Junior	Data: 15/10/1881	Data: 15/10/1881
		Edição: nº 31	Edição: nº 31
Theatro Lyrico	A. Cardoso de Menezes	Data: 17/10/1881	Data: 17/10/1881
		Edição: nº 32	Edição: nº 32

Artistas e amadores: A. Tavares	A. Cardoso de Menezes	Data: 18/10/1881	Data: 18/10/1881
		Edição: nº 33	Edição: nº 33
Correio de Paris: 21 de setembro de 1881	Não consta	Data: 20/10/1881	Data: 20/10/1881
		Edição: nº 35	Edição: nº 35
Artistas e amadores: Arthur Napoleão	A. Cardoso de Menezes	Data: 21/10/1881	Data: 21/10/1881
		Edição: nº 36	Edição: nº 36
O espetáculo inglez	França Junior	Data: 22/10/1881	Data: 22/10/1881
		Edição: nº 37	Edição: nº 37
Artistas e amadores: Miguel Cardoso	A. Cardoso de Menezes	Data: 26/10/1881	Data: 26/10/1881
		Edição: nº 40	Edição: nº 40
Aranzeis	U.D.	Data: 27/10/1881	Data: 27/10/1881
		Edição: nº 41	Edição: nº 41
Correio de Paris: 1º de outubro de 1881	Não consta	Data: 28/10/1881	Data: 28/10/1881
		Edição: nº 42	Edição: nº 42
Não foi possível	França Junior	Data: 29/10/1881	Data: 29/10/1881
		Edição: nº 43	Edição: nº 43
Luz e sombra	A. Cardoso de Menezes	Data: 31/10/1881	Data: 31/10/1881
		Edição: nº 44	Edição: nº 44
Os martyres da sciencia: Richmann	Gaston Tissandier	Data: 1/11/1881	Data: 1/11/1881
		Edição: nº 45	Edição: nº 45
Outrora e hoje	França Junior	Data: 5/11/1881	Data: 5/11/1881
		Edição: nº 49	Edição: nº 49

Correio de Paris: 13 de outubro de 1881	Não consta	Data: 8/11/1881	Data: 8/11/1881
		Edição: nº 51	Edição: nº 51
Os nossos filhos	França Junior	Data: 12/11/1881	Data: 12/11/1881
		Edição: nº 55	Edição: nº 55
Aranzeis	U.D.	Data: 15/11/1881	Data: 15/11/1881
		Edição: nº 57	Edição: nº 57
D'Aprês nature	Cardoso de Menezes	Data: 18/11/1881	Data: 18/11/1881
		Edição: nº 60	Edição: nº 60
Refrescos	França Junior	Data: 19/11/1881	Data: 19/11/1881
		Edição: nº 61	Edição: nº 61
Luiza	A. Cardoso de Menezes	Data: 21/11/1881	Data: 21/11/1881
		Edição: nº 62	Edição: nº 62
Os redivivos	A. Cardoso de Menezes	Data: 24/11/1881	Data: 24/11/1881
		Edição: nº 65	Edição: nº 65
Correio de Paris: 2 de novembro de 1881	Não consta	Data: 25/11/1881	Data: 25/11/1881
		Edição: nº 66	Edição: nº 66
O toilette	França Junior	Data: 26/11/1881	Data: 26/11/1881
		Edição: nº 67	Edição: nº 67
Artistas e amadores: Vicenzo Cernicchiaro	A. Cardoso de Menezes	Data: 28/11/1881	Data: 28/11/1881
		Edição: nº 68	Edição: nº 68
Quatro mortos e quatro feridos...	A. Cardoso de Menezes	Data: 1/12/1881	Data: 1/12/1881
		Edição: nº 71	Edição: nº 71

Correio de Paris: 7 de novembro de 1881	Não consta	Data: 2/12/1881	Data: 2/12/1881
		Edição: nº 72	Edição: nº 72
Episodio eleitoral	França Junior	Data: 3/12/1881	Data: 3/12/1881
		Edição: nº 73	Edição: nº 73
O suicida	U.D.	Data: 6/12/1881	Data: 6/12/1881
		Edição: nº 75	Edição: nº 75
Hum, Olé e Scio	França Junior	Data: 10/12/1881	Data: 10/12/1881
		Edição: nº 79	Edição: nº 79
Augusto Ribeiro	A. Cardoso de Menezes	Data: 12/12/1881	Data: 12/12/1881
		Edição: nº 80	Edição: nº 80
Correio de Paris: 14 de novembro de 1881	Não consta	Data: 13/12/1881	Data: 13/12/1881
		Edição: nº 81	Edição: nº 81
Quadros da industrial	A. Cardoso de Menezes	Data: 15/12/1881	Data: 15/12/1881
		Edição: nº 83	Edição: nº 83
A porta do globo	França Junior	Data: 17/12/1881	Data: 17/12/1881
		Edição: nº 85	Edição: nº 85
Quadros da industrial	A. Cardoso de Menezes	Data: 19/12/1881	Data: 19/12/1881
		Edição: nº 86	Edição: nº 86
Pianos e doutores	França Junior	Data: 24/12/1881	Data: 24/12/1881
		Edição: nº 91	Edição: nº 91
Os credores	U.D.	Data: 27/12/1881	Data: 27/12/1881
		Edição: nº 93	Edição: nº 93

Parada e resposta	A. Cardoso de Menezes	Data: 29/12/1881	Data: 29/12/1881
		Edição: nº 95	Edição: nº 95
Romance Pas[?] o bond o intermediário	Não consta	Data: 29/12/1881	Data: 29/12/1881
		Edição: nº 95	Edição: nº 95
Revoltemo-nos!	A. Cardoso de Menezes	Data: 31/12/1881	Data: 31/12/1881
		Edição: nº 97	Edição: nº 97
A esquina …	A. Cardoso de Menezes	Data: 2/1/1882	Data: 2/1/1882
		Edição: nº 98	Edição: nº 98
Pagina realista	A. Cardoso de Menezes	Data: 5/1/1882	Data: 5/1/1882
		Edição: nº 101	Edição: nº 101
Em Petropolis	França Junior	Data: 7/1/1881	Data: 7/1/1881
		Edição: nº 103	Edição: nº 103
Salões	Silvio	Data: 10/1/1882	Data: 10/1/1882
		Edição: nº 105	Edição: nº 105
Ceos e terras do Brazil	Urbano Duarte	Data: 11/1/1882	Data: 11/1/1882
		Edição: nº 106	Edição: nº 106
Cavaco litterario	Urbano Duarte	Data: 30/1/1882	Data: 30/1/1882
		Edição: nº 122	Edição: nº 122
Episodios de viagem	A. Cardoso de Menezes	Data: 11/2/1882	Data: 11/2/1882
		Edição: nº 133	Edição: nº 133
Notas de um vadio	França Junior	Data: 13/2/1882	Data: 13/2/1882
		Edição: nº 134	Edição: nº 134

Episodios de viagem	A. Cardoso de Menezes	Data: 15/2/1882	Data: 15/2/1882
		Edição: nº 136	Edição: nº 136
Petropolis	Cas Ino	Data: 17/2/1882	Data: 17/2/1882
		Edição: nº 138	Edição: nº 138
Em honra ao morto	A. Cardoso de Menezes	Data: 22/2/1882	Data: 22/2/1882
		Edição: nº 140	Edição: nº 140
Notas de um vadio	França Junior	Data: 25/2/1882	Data: 25/2/1882
		Edição: nº 143	Edição: nº 143
Episodios de viagem	A. Cardoso de Menezes	Data: 28/2/1882	Data: 28/2/1882
		Edição: nº 145	Edição: nº 145
Chove?…	Joaquim de Sequeira	Data: 2/3/1882	Data: 2/3/1882
		Edição: nº 147	Edição: nº 147
Duello por musica	Urbano Duarte	Data: 17/3/1882	Data: 17/3/1882
		Edição: nº 160	Edição: nº 160
As nossas filhas	França Junior	Data: 20/3/1882	Data: 20/3/1882
		Edição: nº 162	Edição: nº 162
Idealismo	França Junior	Data: 27/3/1882	Data: 27/3/1882
		Edição: nº 168	Edição: nº 168
Spleen	Urbano Duarte	Data: 29/3/1882	Data: 29/3/1882
		Edição: nº 170	Edição: nº 170
Carrancas…	Não consta	Data: 31/3/1882	Data: 31/3/1882
		Edição: nº 172	Edição: nº 172

Boas e más estrelas	França Junior	Data: 10/4/1882	Data: 10/4/1882
		Edição: nº 179	Edição: nº 179
Confeitos	Não consta	Data: 11/4/1882	Data: 11/4/1882
		Edição: nº 180	Edição: nº 180
O baile no club de regatas	França Junior	Data: 17/4/1882	Data: 17/4/1882
		Edição: nº 185	Edição: nº 185
Theatro nacional	Urbano Duarte	Data: 18/4/1882	Data: 18/4/1882
		Edição: nº 186	Edição: nº 186
Notas de um vadio	França Junior	Data: 24/4/1882	Data: 24/4/1882
		Edição: nº 191	Edição: nº 191
Fiorituras	Não consta	Data: 25/4/1882	Data: 25/4/1882
		Edição: nº 192	Edição: nº 192
Notas de um vadio	França Junior	Data: 1/5/1882	Data: 1/5/1882
		Edição: nº 197	Edição: nº 197
Ministrões e ministrinhos	Não consta	Data: 2/5/1882	Data: 2/5/1882
		Edição: nº 198	Edição: nº 198
Fanfarras	Adelino Fontoura	Data: 3/5/1882	Data: 3/5/1882
		Edição: nº 199	Edição: nº 199
Heroes e martyres	Theodoro Guerreiro	Data: 6/5/1882	Data: 5/8/1882
		Edição: nº 202	Edição: nº 280
Notas de um vadio	França Junior	Data: 8/5/1882	Data: 8/5/1882
		Edição: nº 203	Edição: nº 203

Viagens ao redor do Brazil pelo Dr. João Severiano da Fonseca	Mello Moraes Filho	Data: 9/5/1882	Data: 9/5/1882
		Edição: nº 204	Edição: nº 204
Notas de um vadio	França Junior	Data: 15/5/1882	Data: 15/5/1882
		Edição: nº 209	Edição: nº 209
Omphalia	França Junior	Data: 29/5/1882	Data: 29/5/1882
		Edição: nº 221	Edição: nº 221
Notas de um vadio	França Junior	Data: 5/6/1882	Data: 5/6/1882
		Edição: nº 227	Edição: nº 227
Comedia da morte	França Junior	Data: 10/6/1882	Data: 10/6/1882
		Edição: nº 232	Edição: nº 232
Os nomes	França Junior	Data: 19/6/1882	Data: 19/6/1882
		Edição: nº 239	Edição: nº 239
A composição	Balzac (Tradução: Lúcio Mendonça)	Data: 22/6/1882	Data: 12/8/1882
		Edição: nº 242	Edição: nº 286
Ao Corcovado	França Junior	Data: 27/6/1882	Data: 27/6/1882
		Edição: nº 246	Edição: nº 246
Historia de um bom moço	França Junior	Data: 4/7/1882	Data: 4/7/1882
		Edição: nº 252	Edição: nº 252
Introducção à historia da literatura braszileira por Sylvio Romero	Mello Moraes Filho	Data: 8/7/1882	Data: 8/7/1882
		Edição: nº 256	Edição: nº 256
Chronica politica	Mario	Data: 10/7/1882	Data: 10/7/1882

		Edição: nº 257	Edição: nº 257
Um passeio imperial	P.J.	Data: 11/7/1882	Data: 11/7/1882
		Edição: nº 258	Edição: nº 258
A Equitação	França Junior	Data: 11/7/1882	Data: 11/7/1882
		Edição: nº 258	Edição: nº 258
Torquemada	Urbano Duarte	Data: 15/7/1882	Data: 15/7/1882
		Edição: nº 262	Edição: nº 262
Chronica politica	Mario	Data: 17/7/1882	Data: 17/7/1882
		Edição: nº 263	Edição: nº 263
Chronica politica	Mario	Data: 25/7/1882	Data: 25/7/1882
		Edição: nº 270	Edição: nº 270
Passos do Sr. Manoel Bonifacio dos Passos	França Junior	Data: 25/7/1882	Data: 25/7/1882
		Edição: nº 270	Edição: nº 270
Exposição anthropologica: carta a Ladislão Netto	Antonio Pitanga	Data: 27/7/1882	Data: 27/7/1882
		Edição: nº 272	Edição: nº 272
Cherchez la femme	Urbano Duarte	Data: 29/7/1882	Data: 29/7/1882
		Edição: nº 274	Edição: nº 274
Chronica politica	Mario	Data: 31/7/1882	Data: 31/7/1882
		Edição: nº 275	Edição: nº 275
Cahiu o ministério! Comedia em 3 actos por França Junior	S. Sebrão	Data: 1/8/1882	Data: 1/8/1882
		Edição: nº 276	Edição: nº 276
Tres quartos de um frade	França Junior	Data: 2/8/1882	Data: 2/8/1882

		Edição: nº 277	Edição: nº 277
Chronica politica	Mario	Data: 7/8/1882	Data: 7/8/1882
		Edição: nº 281	Edição: nº 281
A Ambição do homem	França Junior	Data: 8/8/1882	Data: 8/8/1882
		Edição: nº 282	Edição: nº 282
Toque de rebate	Sertorius	Data: 10/8/1882	Data: 10/8/1882
		Edição: nº 284	Edição: nº 284
Chronica politica	Mario	Data: 14/8/1882	Data: 14/8/1882
		Edição: nº 287	Edição: nº 287
As mulheres infernaes	Charles Joliet	Data: 15/8/1882	Data: 15/8/1882
		Edição: nº 288	Edição: nº 288
Theatro lyrico	A. Cardoso de Menezes	Data: 16/8/1882	Data: 16/8/1882
		Edição: nº 289	Edição: nº 289
Tres festas	França Junior	Data: 17/8/1882	Data: 17/8/1882
		Edição: nº 290	Edição: nº 290
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 19/8/1882	Data: 19/8/1882
		Edição: nº 292	Edição: nº 292
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 21/8/1882	Data: 21/8/1882
		Edição: nº 293	Edição: nº 293
Chronica politica	Mario	Data: 21/8/1882	Data: 21/8/1882
		Edição: nº 293	Edição: nº 293
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 22/8/1882	Data: 22/8/1882

		Edição: nº 294	Edição: nº 294
Em viagem	França Junior	Data: 23/8/1882	Data: 23/8/1882
		Edição: nº 295	Edição: nº 295
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 25/8/1882	Data: 25/8/1882
		Edição: nº 297	Edição: nº 297
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 26/8/1882	Data: 26/8/1882
		Edição: nº 298	Edição: nº 298
Chronica politica	Mario	Data: 29/8/1882	Data: 29/8/1882
		Edição: nº 300	Edição: nº 300
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 29/8/1882	Data: 29/8/1882
		Edição: nº 300	Edição: nº 300
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 2/9/1882	Data: 2/9/1882
		Edição: nº 304	Edição: nº 304
Chronica politica	Mario	Data: 4/9/1882	Data: 4/9/1882
		Edição: nº 305	Edição: nº 305
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 4/9/1882	Data: 4/9/1882
		Edição: nº 305	Edição: nº 305
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 5/9/1882	Data: 5/9/1882
		Edição: nº 306	Edição: nº 306
A semana	França Junior	Data: 7/9/1882	Data: 7/9/1882
		Edição: nº 308	Edição: nº 308
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 9/9/1882	Data: 9/9/1882

		Edição: nº 309	Edição: nº 309
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 11/9/1882	Data: 11/9/1882
		Edição: nº 310	Edição: nº 310
Chronica politica	Mario	Data: 11/9/1882	Data: 11/9/1882
		Edição: nº 310	Edição: nº 310
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 12/9/1882	Data: 12/9/1882
		Edição: nº 311	Edição: nº 311
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 13/9/1882	Data: 13/9/1882
		Edição: nº 312	Edição: nº 312
A festa do “Globo”	França Junior	Data: 14/9/1882	Data: 14/9/1882
		Edição: nº 313	Edição: nº 313
Quadros e telas	L. Gonzaga Duque-Estrada	Data: 15/9/1882	Data: 15/9/1882
		Edição: nº 314	Edição: nº 314
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 18/9/1882	Data: 18/9/1882
		Edição: nº 316	Edição: nº 316
Chronica politica	Mario	Data: 18/9/1882	Data: 18/9/1882
		Edição: nº 316	Edição: nº 316
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 19/9/1882	Data: 19/9/1882
		Edição: nº 317	Edição: nº 317
A proposito de loucos	França Junior	Data: 19/9/1882	Data: 19/9/1882
		Edição: nº 317	Edição: nº 317
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 20/9/1882	Data: 20/9/1882

		Edição: nº 318	Edição: nº 318
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 21/9/1882	Data: 21/9/1882
		Edição: nº 319	Edição: nº 319
Chronica politica	Mario	Data: 25/9/1882	Data: 25/9/1882
		Edição: nº 322	Edição: nº 322
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 26/9/1882	Data: 26/9/1882
		Edição: nº 323	Edição: nº 323
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 27/9/1882	Data: 27/9/1882
		Edição: nº 324	Edição: nº 324
Um novo paturot	França Junior	Data: 27/9/1882	Data: 27/9/1882
		Edição: nº 324	Edição: nº 324
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 28/9/1882	Data: 28/9/1882
		Edição: nº 325	Edição: nº 325
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 2/10/1882	Data: 2/10/1882
		Edição: nº 328	Edição: nº 328
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 5/10/1882	Data: 5/10/1882
		Edição: nº 329	Edição: nº 329
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 10/10/1882	Data: 10/10/1882
		Edição: nº 335	Edição: nº 335
Quadros e telas	L. Gonzaga Duque-Estrada	Data: 14/10/1882	Data: 14/10/1882
		Edição: nº 339	Edição: nº 339
Zig-zags lyricos	Não consta	Data: 16/10/1882	Data: 16/10/1882

		Edição: nº 340	Edição: nº 340
A Idade das decepções	França Junior	Data: 18/10/1882	Data: 18/10/1882
		Edição: nº 342	Edição: nº 342
Theatro lyrico	R. J. Kinsman Benjamin	Data: 21/9/1882	Data: 21/9/1882
		Edição: nº 345	Edição: nº 345
As nossas minas…	Não consta	Data: 24/10/1882	Data: 24/10/1882
		Edição: nº 347	Edição: nº 347
As regatas e a Penha	França Junior	Data: 25/10/1882	Data: 25/10/1882
		Edição: nº 348	Edição: nº 348
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 3/11/1882	Data: 3/11/1882
		Edição: nº 354	Edição: nº 354
Quadros e telas	L. Gonzaga Duque-Estrada	Data: 4/11/1882	Data: 4/11/1882
		Edição: nº 355	Edição: nº 355
Um segredo de policia	Pierre Delcourt	Data: 4/11/1882	Data: 11/3/1883
		Edição: nº 355	Edição: nº 480
Aos domingos	França Junior	Data: 5/11/1882	Data: 5/11/1882
		Edição: nº 356	Edição: nº 356
Cacetes	Urbano Duarte	Data: 6/11/1882	Data: 6/11/1882
		Edição: nº 357	Edição: nº 357
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 10/11/1882	Data: 10/11/1882
		Edição: nº 361	Edição: nº 361
Aos domingos	França Junior	Data: 12/11/1882	Data: 12/11/1882

		Edição: nº 363	Edição: nº 363
Um casamento a força	Urbano Duarte	Data: 13/11/1882	Data: 13/11/1882
		Edição: nº 364	Edição: nº 364
Armas e barões assignlados	Não consta	Data: 14/11/1882	Data: 14/11/1882
		Edição: nº 365	Edição: nº 365
Quadros e telas	L. Gonzaga Duque-Estrada	Data: 16/11/1882	Data: 16/11/1882
		Edição: nº 367	Edição: nº 367
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 17/11/1882	Data: 17/11/1882
		Edição: nº 368	Edição: nº 368
Aos domingos	França Junior	Data: 19/11/1882	Data: 19/11/1882
		Edição: nº 370	Edição: nº 370
Tudo é negocio !	Urbano Duarte	Data: 20/11/1882	Data: 20/11/1882
		Edição: nº 371	Edição: nº 371
Como nos pintam	Não consta	Data: 21/11/1882	Data: 21/11/1882
		Edição: nº 372	Edição: nº 372
A traços largos	Não consta	Data: 22/11/1882	Data: 22/11/1882
		Edição: nº 373	Edição: nº 373
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 24/11/1882	Data: 24/11/1882
		Edição: nº 375	Edição: nº 375
Aos domingos	França Junior	Data: 26/11/1882	Data: 26/11/1882
		Edição: nº 377	Edição: nº 377
Manifestações	Urbano Duarte	Data: 26/11/1882	Data: 26/11/1882

		Edição: nº 377	Edição: nº 377
Provincias e trapos quentes	Não consta	Data: 28/11/1882	Data: 28/11/1882
		Edição: nº 379	Edição: nº 379
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 1/12/1882	Data: 1/12/1882
		Edição: nº 382	Edição: nº 382
Aos domingos	França Junior	Data: 3/12/1882	Data: 3/12/1882
		Edição: nº 384	Edição: nº 384
O Sr. Ventura	Urbano Duarte	Data: 4/12/1882	Data: 4/12/1882
		Edição: nº 385	Edição: nº 385
A traços largos	Não consta	Data: 5/12/1882	Data: 5/12/1882
		Edição: nº 386	Edição: nº 386
Venus, Jupiter e Cruzeiro	Não consta	Data: 6/12/1882	Data: 6/12/1882
		Edição: nº 387	Edição: nº 387
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 8/12/1882	Data: 8/12/1882
		Edição: nº 389	Edição: nº 389
Aos domingos	França Junior	Data: 10/12/1882	Data: 10/12/1882
		Edição: nº 391	Edição: nº 391
João Brandão	Urbano Duarte	Data: 11/12/1882	Data: 11/12/1882
		Edição: nº 392	Edição: nº 392
Os pimpolhos	Não consta	Data: 12/12/1882	Data: 12/12/1882
		Edição: nº 393	Edição: nº 393
Historias da semana	Não consta	Data: 19/12/1882	Data: 19/12/1882

		Edição: nº 400	Edição: nº 400
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 22/12/1882	Data: 22/12/1882
		Edição: nº 403	Edição: nº 403
Aos domingos	França Junior	Data: 24/12/1882	Data: 24/12/1882
		Edição: nº 405	Edição: nº 405
Politica e batatas	Não consta	Data: 27/12/1882	Data: 27/12/1882
		Edição: nº 407	Edição: nº 407
Os maridos	Não consta	Data: 30/12/1882	Data: 30/12/1882
		Edição: nº 410	Edição: nº 410
O professor Max Sedlitz	Não consta	Data: 3/1/1883	Data: 3/1/1883
		Edição: nº 414	Edição: nº 414
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 5/1/1883	Data: 5/1/1883
		Edição: nº 416	Edição: nº 416
Aos domingos	França Junior	Data: 7/1/1883	Data: 7/1/1883
		Edição: nº 418	Edição: nº 418
Uma defesa	Não consta	Data: 10/1/1883	Data: 10/1/1883
		Edição: nº 421	Edição: nº 421
Aos domingos	França Junior	Data: 14/1/1883	Data: 14/1/1883
		Edição: nº 425	Edição: nº 425
A divina epoéa	Não consta	Data: 15/1/1883	Data: 15/1/1883
		Edição: nº 426	Edição: nº 426
Verso e reverso	Não consta	Data: 16/1/1883	Data: 16/1/1883

		Edição: nº 427	Edição: nº 427
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 19/1/1883	Data: 19/1/1883
		Edição: nº 430	Edição: nº 430
De Friburgo	Não consta	Data: 20/1/1883	Data: 20/1/1883
		Edição: nº 431	Edição: nº 431
Missionarios e missões: chronicas e lendas coloniais	Mello Moraes Filho	Data: 26/1/1883	Data: 26/1/1883
		Edição: nº 437	Edição: nº 437
De Friburgo	Não consta	Data: 27/1/1883	Data: 27/1/1883
		Edição: nº 438	Edição: nº 438
Aos domingos	França Junior	Data: 28/1/1883	Data: 28/1/1883
		Edição: nº 439	Edição: nº 439
Aos domingos	França Junior	Data: 4/2/1883	Data: 4/2/1883
		Edição: nº 446	Edição: nº 446
De Friburgo	Não consta	Data: 5/2/1883	Data: 5/2/1883
		Edição: nº 447	Edição: nº 447
Aos domingos	França Junior	Data: 11/2/1883	Data: 11/2/1883
		Edição: nº 452	Edição: nº 452
De Friburgo	Não consta	Data: 12/2/1883	Data: 12/2/1883
		Edição: nº 453	Edição: nº 453
Aos domingos	França Junior	Data: 18/2/1883	Data: 18/2/1883
		Edição: nº 459	Edição: nº 459
De Friburgo	Não consta	Data: 20/2/1883	Data: 20/2/1883

		Edição: nº 461	Edição: nº 461
Aos domingos	França Junior	Data: 25/2/1883	Data: 25/2/1883
		Edição: nº 466	Edição: nº 466
Aos domingos	França Junior	Data: 4/3/1883	Data: 4/3/1883
		Edição: nº 473	Edição: nº 473
De Friburgo	Não consta	Data: 7/3/1883	Data: 7/3/1883
		Edição: nº 476	Edição: nº 476
Solmne protesto do Frade da Serra dos Orgãos contra a proclamação do Francinha	Não consta	Data: 9/3/1883	Data: 9/3/1883
		Edição: nº 478	Edição: nº 478
De Friburgo	Não consta	Data: 13/3/1883	Data: 13/3/1883
		Edição: nº 482	Edição: nº 482
O futuro de um Estroina	Xavier de Montepin	Data: 16/3/1883	Publicação interrompida com o fim do jornal
		Edição: nº 485	
Aos domingos	França Junior	Data: 18/3/1883	Data: 18/3/1883
		Edição: nº 487	Edição: nº 487

Fonte: Elaboração própria a partir das edições disponíveis d'*O Globo* na Hemeroteca Digital Brasileira.